

ILUSTRAÇÃO

N.º 220 — 10.º ano



INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
— HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, dum queda, dum dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos dum forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

Acaba de ser posto á venda

NOVIDADE LITERÁRIA
MIRADOURO
TIPOS E CASOS

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: O capote do Sr. "Mariquinhas" — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes "Gira" — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barbosa de Sezins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. **12\$00**
enc. **17\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de aparecer a

3.^a EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR

JULIO DANTAS

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem do cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 332 págs., enc. **17\$00**
broch. **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

IALÕES DE ESTETICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTIFICOS

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
A. DA LIBERDADE 35 TELEF. 21866

Novo segredo

EM MATÉRIA DE

PÓ DE ARROZ

Dá um «Aspecto Mate» à pele mais gorda

Esta nova descoberta dar-vos-á frescura e o encanto da adolescência a que nenhum homem resiste. Absolutamente sem qualquer aspecto brilhante durante todo o dia, faça o que fizer.

Este segredo consiste num novo processo registado para o pó «Tokalon» e graças ao qual a «Mousse de creme» é misturada com o pó mais fino, passado a três peneiras de seda. É esta a razão porque o pó «Tokalon» se conserva cinco vezes mais tempo que todos os outros pós. Mesmo após uma longa «soirée» de dansa numa sala sobreaquecida a vossa tez encontra-se tão fresca e encantadora como ao principio.

A «Mousse de creme» contida no pó «Tokalon» impede-o de secar as secreções oleosas naturais da pele, como o fazem os pós ordinários que tornam a epiderme rugosa e grosseira.

**Conser-
va-se
5 vezes
mais**



Se deseja uma tez maravilhosa e fascinadora que faça a admiração e a inveja de todas as suas amigas, compre hoje mesmo uma caixa de pó «Tokalon».

Veja, por si mesmo, quanto difere totalmente de todos os outros pós porque a «Mousse de creme» é o segredo exclusivo de «Tokalon». O pó «Tokalon» com «Mousse de creme» vende-se nas perfumarias e boas casas do ramo. Não o encontrando na vossa terra pode escrever ao

Depósito Tokalon, de Lisboa (secção I. L.) 88, Rua da Assunção, 88-Lisboa que atende sem demora.

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os paradis, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O, HOMEM, QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti- mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado.....	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado.....	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado..	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado.....	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no des-
enho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, es-
tuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do
neurotra Tanzi) de cujo corpo parece exalar-se um fluido que attrae, perturba
e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os es-
critores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um
dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples
capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. —
Hemet. Arantes.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma
afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás
nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto
Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja
leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo pra-
zer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação,
ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem
convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em
todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profu-
samente ilustrado, encadernado em percalina..... 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado..	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado.....	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Indice</i> : Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones", A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas", na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys", — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado.....	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs. brochado.....	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
Eurico, o presbítero , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
O monge de Cister , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado.....	20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado.....	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inqui- sição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado.....	10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00
Opúsculos :	
Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10\$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.....	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Acaba de ser posto à venda o

NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 430 páginas com 246 gravuras, encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**
encontram-se à venda na

MINERVA CENTRAL

Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212
LOURENÇO MARQUES

Serviço especial para o ALGARVE

na época das

AMENDOEIRAS EM FLOR

organizado pela C. P.

A C. P. efectuará tôdas as semanas excursões «á forfait» ao Algarve com o seguinte programa:

1.º Dia — SÁBADO

Partida da estação de Lisboa T. P. às 9^h,05 (almôço no combóio). Visita em autocar a Silves e Caldas de Monchique. — Jantar e dormida.

2.º Dia — DOMINGO

Pequeno almôço. Passeio em autocar pela estrada de Sabóia, continuação para Portimão e Praia da Rocha (almôço), Lagos e Sagres. Regresso a C. de Monchique. — Jantar e dormida.

3.º Dia — SEGUNDA-FEIRA

Pequeno almôço. Partida em autocar para Albufeira, Faro (almôço), Estoi, Olhão, Tavira, Monte Gordo e Vila Real de Santo António. — Jantar. Regresso no combóio 800.

Preço: 300\$00
(Combóio em 2.ª classe)

(Os excursionistas podem regressar isoladamente no combóio 800 de terça-feira, o que lhes permite aproveitar êsse dia para, a expensas suas, irem a Ayamonte.)

A inscrição está aberta no Escritório de Informações da Estação do Rossio.

As pessoas residentes na província é concedida a redução de 45% entre a estação da Companhia mais próxima da sua residência e o ponto em que se incorporem à excursão. Desejando inscrever-se devem dirigir-se à Delegação para o Turismo da C. P. Estação do Rossio, 1.º — com a maior antecedência.

BILHETES ESPECIAIS INDIVIDUAIS

Para quem não possa aproveitar estas excursões, criou a C. P. bilhetes especiais de ida e volta de Lisboa e Pôrto ao Algarve, a preços muito reduzidos, a saber:

De LISBOA, 1.ª classe 169\$00
2.ª classe 125\$00
Validade 10 dias

Do PORTO, 1.ª classe 316\$00
2.ª classe 228\$00
Validade 15 dias

A SAÍR BREVEMENTE

JOÃO DE BARROS

Pátria esquecida

NOTAS E ESQUEMAS

1 vol. de 212 págs., brochado 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 22074

Estoril-Termas

ESTABLECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CARBO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulverisações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

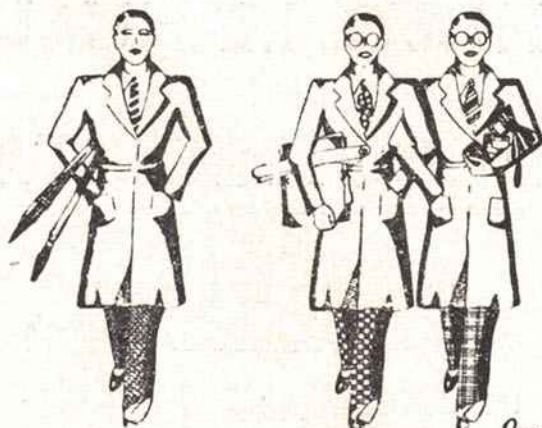


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



Agencia

TELEFONE **BERTRAND**
21308 **IRMÃOS, L.** DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



Dôres de ouvidos . . . Neuralgias . . . São dôres insuportaveis. Mas V. Exa. tem um remedio facil, completamente inofensivo para o seu organismo, para se vêr livro d'elas: É a Cafiaspirina. Mande já comprar um tubo e em poucos minutos verá como as dôres desaparecem.

Cafiaspirina



O PRODUTO DE CONFIANÇA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar aos assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O CORREU na quinzena última um facto bem singular que nem por ser de ordem meteorológica deixa de merecer registo entre os memoráveis.

Caíu neve em Lisboa. Cobriram-se os telhados do lençol branco em que se diz gozarem as suas núpcias as almas das tristes que morreram virgens.

A cama é pura e fria, o que não a impede de ser bela e apetecida para ser admirada a distância, sem tocar-lhe com as mãos, ou os lábios por assim o exigir a sua condição de imaculada.

Coisa digna de ver-se; dizem-no quantos a conhecem; e tanto que muito ha quem faça jornada para gosar o espectáculo que parece uma festa, meio burlesca, meio séria, composta e partilhada por cumieiras, arvores, declives e quanto debaixo do céu apresenta relevo. Começa pelo jogo de uma fiapeira de algodão, que é a parte brincalhona, quasi de carnaval, donde tudo sai coberto de poeira branca, como farinha peneirada. A graça está em que essa partida decorre em silêncio, acentuada por um cício que lhe põe malícia. É o mais divertido e justamente o que o lisboeta não gosou porque o Senhor Clima, com o feitio velhaco e traçoero que uma fama de amenidade dissimula, escolheu a madrugada para representar a farça. Sem que ninguém o visse, á hora mais segura para esconder a procedência entreteve-se com a maroteira.

Quando os primeiros alvoro do dia romperam no nascente, desistiu de continuar. E assim o tolo do habitante, ao levantar-se, tanto podia crer em espuma de leite, ou natas batidas com assúcar, distribuídas pelas fadas protectoras, como em neve afrontosa, intrometida pelo bruto inverno que o impostor do Clima diz não conhecer.

Pois a verdade nua e crua que nada se ganha em ocultar, está na segunda hipótese; a coisa branca que na manhã do dia 9 de Fevereiro cobria telhados e jardins era neve e da boa, geralmente conhecida como causa de desconforto atroz em todo o mundo habitado por homens.

Muito dóá á fé na amenidade, viva em muitos devotos de Lisboa, o acontecimento prova que habitam em país frio, com um inverno importuno, tal qual sucede a todos os demais residentes do território europeu.

Não há razão para aqueles se suporem em condição à parte, ou sem necessidade de se precaverem contra os malefícios da temperatura baixa, inúmeros e perigosos que se apontam causadores de depressão e tristeza, como outros não existem. Formou-se lenda sobre a fixação de residência permanente da primavera neste recanto ocidental. E lenda foi ela que

CRÓNICA DÁ QUINZENA

tem custado vidas e arruinado a saúde ou a robustez de muita gente. Mas tão arreigada se mostra nos juízos que nem a neve os dissuadirá.

Certo, como a água no Tejo; o lisboeta não mudará de crença e continuará a tiritar de Dezembro a Março, a encatar-se, pleurisar-se, tuberculisar-se, convencido de que a terra é temperada e dispensa as complexidades caloríferas usadas no globo para além de uma latitude que não passa pelo Mar da Palha.

Falaram as protestades francesas com as inglesas, depois de terem falado com as italianas; e terminados os colóquios com as usuais gastronomias anunciaram ao mundo mais uma vez a cura do cancro. Perdão! A notícia referia apenas a concórdia universal, aquela receita de paz que parece tão difícil de preparar como a destinada a extirpar a doença terrível e capaz de disputar á guerra a primasia na supressão de vidas; a troca resultou de andarem as duas descobertas a bater concomitantemente no ouvido; ora é um americano, ou índio a sarar a humanidade do flagelo com umas ervas, ou um sóro, ora um importante homem do velho mundo que mediante pacto aéreo, terrestre, ou marítimo consegue acabar com a arte de trucidar povos. Até aqui as duas felicidades ainda não atingiram a duração das conhecidas rosas, porque o seu fulgor tem sido breve como o de vidraça movida ao sol.

Conseguir-se-ia agora o que desde Cain se procura afanosamente?

Mesmo que dentro em pouco o gato francês se ponha a bufar de unha estendida contra o cão germânico, de novo a latir enraivecido, não deixemos de agradecer as andanças e falácias emitidas com boa intenção e a que tem de reconhecer-se algum proveito. Vem a ser o mesmo que se atribue a uma canção de berço e presta para adormecer meninos.

Não esqueçamos, porque assim convém á inteligência do fenómeno que em tolas as idades o homem conserva um

pouco de inocência e terrores infantis, carecendo por isso de procurar qualquer causa que lhe concilie um soninho descansado. A promessa da paz perpétua, elixir da longa vida, cura do cancro, possuem a qualidade. Basta qualquer delas bater no timpano para logo produzir uma respiração funda, de alívio, seguida de outra, outra, e muitas mais.

Como prova da sua utilidade parece suficiente; equivale á dos melhores remédios da botica, aos quais sómente se exige que calmem a dôr, a insónia, ou abram o apetite. Não importa saber como se preparam, ou que substância encerram. Contentamo-nos com o bem estar que calhe conferirem. Se o resultado provem da fé no milagre, ou do princípio activo, interessa pouco. O que se quer é socego, mesmo transitório, ou aparente, também colhido em grandesa proporcional á nossa capacidade de ilusão.

E contra esta nem a consciência da realidade mais dura prevalece; pode o raciocínio mostrar-nos como perpétua e inevitável a bestialidade da guerra, a par da fatalidade da morte; a ância de mistério e prodígio chega para preferir a voz que prometa a imortalidade e a fraternidade inviolável.

Portanto mesmo que a segurança se arrisque a não ultrapassar uma quinzena, acreditemos que os franceses, com os ingleses misturados com os italianos realizaram a paz tão cubiçada. Para reforço da crença pode acrescentar-se que apesar dos esforços em contrário de 1918 para cá, ela se conservou, através de conferências, congressos, jantares copiosos e outros perigos menos conhecidos.

Progride sem cessar o interêsse que o leitor português vai tomando pelas publicações brasileiras, tanto de ordem literária como científica, ultimamente introduzidas no mercado do livro.

Os votos dos autores portugueses são por que essa simpatia não esmoreça, e cada vez mais se desenvolva, visto que dentro da mesma língua existe um pensamento único e uma única cultura que tanto mais se elevará quanto maior fôr o convívio e influência mútua dos que nas duas margens do Atlântico lidam ideias e palavras que as exprimem.

Fizeram os brasileiros o necessário para trazer a Portugal a sua produção; falta agora que os portugueses procedam por igual e levem a sua ao contacto permanente do Brasil. Só assim a obra se entende como perfeita, dentro de um plano de realização a favor do alto ideal comum.

Samuel Maia.

ESTÁ sendo exibida nos principais cinemas da América Latina um filme mexicano intitulado "A imperatriz Carlota", que é a evocação fiel dos mais notáveis factos da criação e derrocada do Império do México.

Vem a propósito evocar essa espantosa tragédia que emocionou o mundo inteiro.

Num belo dia primaveril de 1864 foi celebrada no castelo de Miramar, em Trieste, a entrega da coroa e do título de imperador do México ao arquiduque Maximiliano de Habsburgo, irmão do imperador Francisco José da Áustria. Havia ido ali uma deputação mexicana expressamente para tal fim. Maximiliano, embora nunca tivesse estado no México e nem sequer falasse o seu idioma, julgava-se capaz de governar este país longínquo e turbulento. Ilusões da mocidade! O que lhe faltava em decisão, sobejava-lhe em utopias. A coroa mexicana excitava tanto a sua imaginação romântica que se julgou o protagonista dum conto de fadas.

Disseram-lhe que no México reinava a anarquia e que era preciso restabelecer a ordem e salvar esse esplêndido rincão digno de melhor sorte. Estante sugestões vinham de Roma, de Paris e até do próprio México. Fizeram-lhe crer que era necessário que surgisse um novo S. Jorge que desse cabo do terrível dragão — e esse salvador deveria ser o arquiduque Maximiliano.

Napoleão III, que sonhava transformar este rico país numa colónia francesa, insistia também em que Maximiliano aceitasse a coroa mexicana. Assim, ser-lhe-ia mais fácil levar a cabo os seus planos imperialistas. As tropas francesas, enviadas ao México, sob o comando do marechal Bazaine, mantinham-se ali numa arrogância conquistadora, apesar da má vontade norte-americana.

Por mais que Napoleão III afirmasse que o seu único fim era o de defender no México os "sagrados princípios", calçados pelos republicanos dirigidos pelo presidente Benito Juárez, ninguém lhe dava crédito. Os fins do ambicioso Napoleão III, o "sobrinho do seu tio", conforme lhe chamava Victor Hugo, eram evidentes e não deixavam margem a sofismas.

O pretexto para uma intervenção estrangeira era fácil, visto a República do México se recusar a pagar as dívidas à França, à Inglaterra e a vários Estados. Tratava-se

dum empréstimo exterior de quinhentos milhões de pesos, contraído pelo governo do México, sob a presidência do general Miramon, com o fim de esmagar o movimento revolucionário democrático.

Em 31 de Outubro de 1861 foi assinado pelos governos da França, Inglaterra e

Espanha, um acórdio comum para a defesa dos seus direitos no México. O governo britânico deu a sua adesão com a condição de se fazer todo o possível no sentido de conseguir o apoio dos Estados Unidos. Esta condição foi cumprida. No entanto, o presidente Lincoln, percebendo os intuitos da França, regeitou o convite. Napoleão III, ao ter conhecimento da resposta, regouguou: — "Tanto pior! os "yankees" vão pagar cara a sua arrogância! Em Janeiro de 1862 fundearam no porto de Vera Cruz três esquadras: uma da França, outra da Inglaterra, e outra de Espanha. No dia seguinte, a capital mexicana foi ocupada por vinte mil soldados estrangeiros, sendo nomeado o general Prim comandante das forças unidas. O "sobrinho" do vencedor de Marengo procurava ganhar as simpatias e o franco apoio do governo de Madrid. No entanto, a Espanha não nutria a menor vontade de ajudar a aventura imperialista de Napoleão III.

Entretanto, as tropas mexicanas, sob o

A EVOCAÇÃO

O desgraçado fim de

comando do presidente Juárez e do general Zaragoza, preparavam-se para uma guerra de vida ou de morte contra a invasão estrangeira. Napoleão III, apercebendo-se da gravidade da situação e não tendo a menor confiança na colaboração anglo-espanhola, enviou novas tropas como reforço. Em Maio de 1862, o exército francês contava ali cerca de cinquenta mil homens. Entre os dirigentes das tropas francesas destacavam-se, além do marechal Bazaine e do general Forey, vários traidores mexicanos como os generais Miramon, Mejía, Almonte e Aguilar.

Travou-se a luta que foi cheia de horrores e massacres, crueldades e heroísmos. O povo mexicano soube bater-se pela sua independência.

Na intenção de consolidar a sua posição no México, Napoleão III decidiu fazer proclamar ali o regime monárquico. Seguindo as instruções de Paris, o marechal Bazaine simulou um "movimento popular" a favor da proclamação da monarquia, e constituiu com este fim a chamada Junta Superior de que faziam parte trinta e cinco "notáveis". A referida Junta, por sua vez, nomeou duzentos e quinze mexicanos que passariam a intitular-se "respeitáveis". Assim, foi organizada uma assembleia nacional que não expressava a vontade do povo mexicano, mas a de Napoleão III.

Esta assembleia, que celebrava as suas sessões sob a protecção das tropas francesas, tomou a resolução de proclamar a monarquia e entregar a coroa mexicana ao arquiduque Maximiliano de Habsburgo.

Este, aceitando o convite, tomou logo o compromisso de pagar ao governo francês, no espaço de catorze anos, 350 mi-



O Justilamento do imperador Maximiliano e dos seus dois generais

DUMA TRAGÉDIA

Maximiliano do México

lhões de pesos para cobrir as despesas da França e indemnizar dalgum modo os seus sacrifícios. Comprometeu-se também a manter com fundos do Tesouro Mexicano as tropas francesas no México.

Por seu lado, Napoleão III assinou um acórdio em virtude do qual se comprometia a apoiar Maximiliano, mantendo no México durante seis anos um exército de 25 mil soldados.

Afirma-se que Maximiliano hesitou, mas, graças à sua esposa Carlota, filha do rei Leopoldo da Bélgica, acabou por aceder, sendo assinado o tristemente célebre acórdio de Miramar.

Em boa verdade, a arquiduquesa Carlota era uma mulher enérgica e extremamente ambiciosa. Sonhava com a coroa de imperatriz desse país longínquo e graçejava quando o marido esboçava os seus receios. Foi ela própria quem discutiu com Napoleão III, em Fontainebleau, as bases do acórdio de Miramar.

Em 12 de Junho de 1864, os "imperadores" entraram na capital mexicana.

Mas os republicanos não desanimavam. Armados até aos dentes, apertavam cada vez mais o cerco, tanto mais que as tropas britânicas e espanholas tinham recebido

ordem de retirar, e até lá, manter-se na mais absoluta neutralidade.

A situação de Maximiliano tornava-se cada vez mais aflitiva. Washington enviava a Paris e ao México, notas de protesto contra a invasão estrangeira. Foi então que Napoleão III

viu que perdera a partida e se dispôs a abandonar o campo. Neste sentido deu ordens ao marechal Bazaine que começou logo a reexpedir, pouco a pouco, tropas francesas para a França. Maximiliano, indignado, lavrava o seu protesto em cartas para Paris e Fontainebleau, increpava violentemente o marechal Bazaine, mas tudo resultava inútil. Não tardaria a ficar sózinho, rodeado de inimigos terríveis, num país hostil até à crueldade.

Um dia, o marechal Bazaine disse-lhe francamente:

— A única solução está na abdicação e no rápido regresso a Trieste!

Maximiliano recusou o alvitre, declarando nobremente que ante tantos cobardes saberia morrer no seu posto.

O próprio Napoleão aconselhou-o por meio de carta, afirmando-lhe que "na situação em que se encontrava, o mais sensato seria abdicar e voltar à Áustria".

Ante a perfídia, Maximiliano preferiu sacrificar-se.

A imperatriz Carlota embarcou em Vera Cruz, nos princípios de Agosto e tomou o rumo da Europa, la defrontar-se com Napoleão III e impôr-lhe o cumprimento do acórdio de Miramar.

O "sobrinho do côrso", ao saber da chegada da audaciosa mulher, escondeu-se

no seu palácio de Saint-Cloud, e deu ordem de proibir-lhe a entrada. Apesar de tudo, a imperatriz Carlota conseguiu falar-lhe. Deu-se então uma cena violenta, saindo a pobre senhora num desespero incalculável. Tomou o rumo de Roma e foi implorar a protecção do Papa Pio IX. Nada conseguiu também. O desventurado Maximiliano, abandonado de todos os que o tinham levado àquela trágica aventura, recebeu pouco depois a notícia de que sua esposa tinha enlouquecido!

Entretanto o cerco das tropas republicanas apertava-se cada vez mais. Estavam já na posse de nove décimas partes do território pátrio. Nos primeiros dias de Maio ocuparam a capital e as cidades mais importantes como Puebla e Vera Cruz. Maximiliano tentou resistir, apesar de tudo. Contando com dezoito mil homens sob o comando dos generais Miramón

e Mejía, encorrou-se em Queretaro que foi o seu último reduto. Dias depois caía em poder dos seus inimigos que, em julgamento sumaríssimo, o condenaram à morte, bem como aos seus generais. Todos os esforços das Cortes europeias para salvar o pobre ex-imperador resultaram inúteis: os republicanos não perdoavam as perseguições de que tinham sido vítimas.

No dia 19 de Junho foram os condenados conduzidos à povoação de Cerro de Campanas afim de se efectuar a execução.

O general Diaz ordenou a leitura da acta de acusação, perguntando em seguida aos condenados se tinham alguma revelação a fazer. O general Mejía preferiu calar-se; Miramón balbuciou algumas palavras sem nexo. Maximiliano, tomando alento, gritou: — "Que o meu sangue seja vertido para o bem da minha nova pátria! Viva o México!"

Depois, entregou ao oficial do pelotão executor algumas moedas de ouro, e recomendou-lhe:

— Queira distribuir isto pelos seus homens!

Finalmente, voltando-se para os soldados, gritou-lhes:

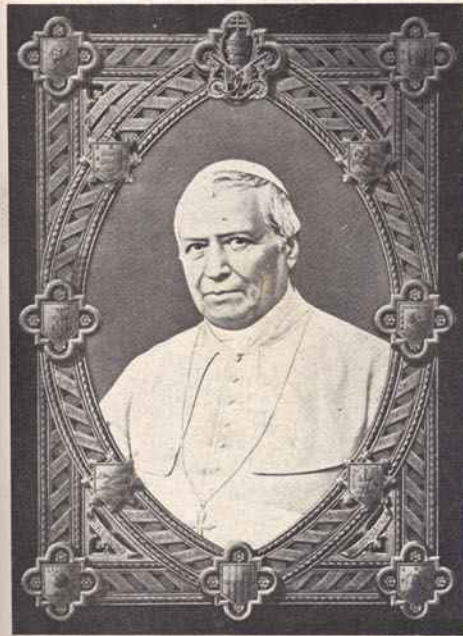
— Apontai bem ao coração, rapazes! Soou uma descarga e os três condenados tombaram fulminados.

Devemos acrescentar que a imperatriz Carlota, falecida há poucos anos na Bélgica, nunca soube do trágico fim do seu marido. Na sua loucura, aguardou durante mais de sessenta anos, o seu regresso.

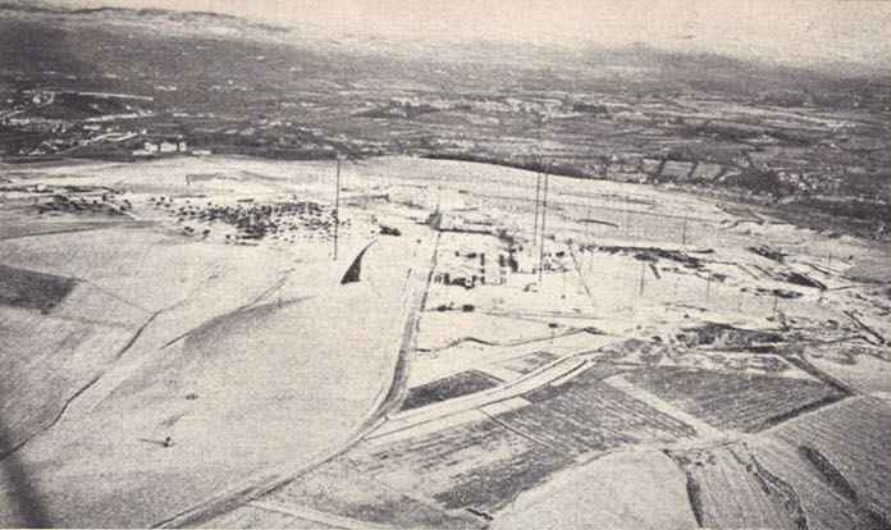
Eis o que o novo filme nos virá evocar.



A imperatriz Carlota



Pio IX



A NEVE EM LISBOA

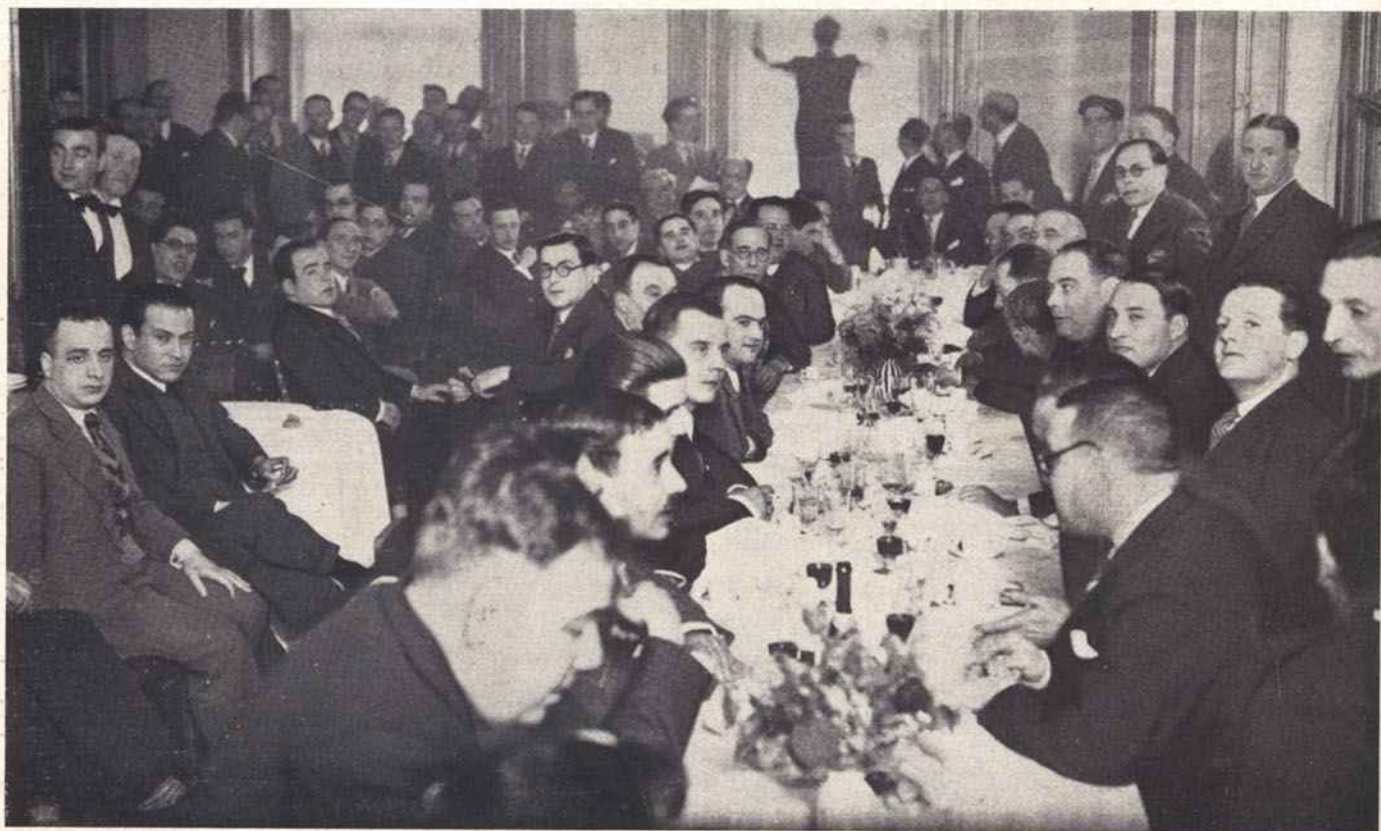
LISBOA disfruta um clima que não tem rival nos pontos do Globo situados sob a mesma latitude. São poucos, ao cabo do ano, os dias em que o Sol não brilha no nosso horizonte. Mas não só com ele contamos para amenizar os rigores do inverno. O Atlântico traz-nos também os eflúvios típicos do *Gulf-stream*, cujas águas, aquecidas ao sol equatorial no golfo do México, vêm espalhar-se no nosso litoral. E por estas razões, Lisboa é uma cidade que tem do inverno uma noção bastante atenuada.

Dai a surpresa de todos os lisboetas que na madrugada do dia, viram começarem a tombar do céu ligeiros flocos de neve. O fenómeno provocou curiosidade. E a despeito do frio, muita gente houve que não se contentou em contemplá-lo através das vidraças e veio para a rua admirar o raro espectáculo.

Damos aqui dois notáveis aspectos da cidade e arredores cobertos de neve, fotografados do ar pelo distinto aviador Humberto Pais, que muito gentilmente nos os cedeu para publicação.



Banquete de confraternização de jornalistas, escritores e artistas



COM uma assistência de cerca de 100 jornalistas, escritores e artistas, entre os quais figuravam algumas das individualidades mais marcantes da vida intelectual portuguesa, realizou-se no dia 31 do mês findo, um almoço de confraternização em que foram aprovadas as bases para a fundação dum centro cultural.

O ENCANTO DAS BERLENGAS VISTAS DO AR

através
dum documentário
do tenente-aviador
HUMBERTO PAIS

A FLORANDO do Atlântico à beira da costa portuguesa, as ilhotas Berlengas, tristonhas e monótonas na sua aridez de rocha escaldada, lembram-nos como que um velho castelo medieval, batido pelo vento e pela chuva, resistindo, meio desmoronado a tantos séculos



de história, padrão imorredouro de glórias passadas, de clarões de epopeia que o tempo extinguiu já.

Sem o encanto das ilhotas de sonho que enxameiam o mar sereno da Dalmácia, manchas vivas, verdejantes, no deserto azul, por detrás das quais o Sol se esconde numa apoteose de côr, à Natureza, as Berlengas nem por isso perdem pela modéstia do seu cenário pobre.

Correndo a sua recortada orla, onde o mar se rende desfazendo-se em alva espuma, podem admirar-se, em recantos de aguarela, os contrastes mais belos, as emoções mais fortes, mesmo até, as visões mais fantásticas.

A primeira das fotografias com que ilustramos esta página, tem qualquer coisa de lendário: uma fortaleza pequena, afogada entre a rocha e o mar

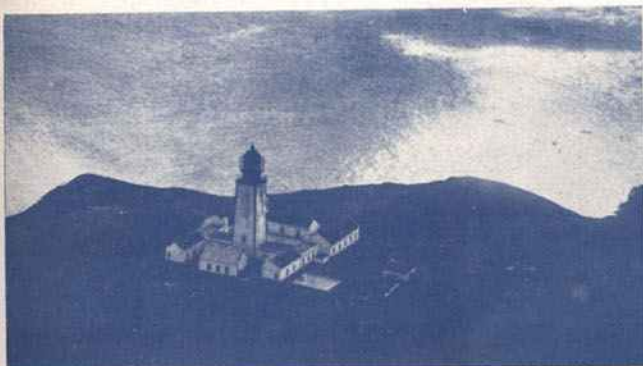
bravio, onde outrora terão flutuado pavilhões das quinas, é hoje habitação pomposa das aves marinhas e motivo justificado de turismo pitoresco.

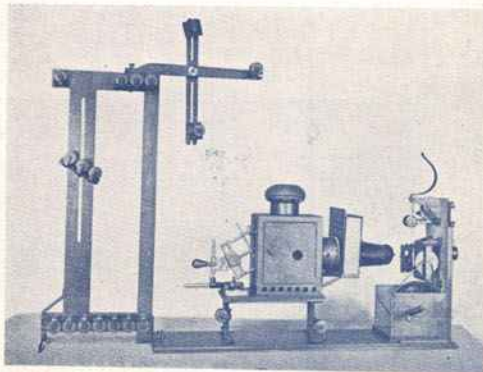
Um outro "cliché" não menos feliz, dá-nos a grande Berlenga em todo o seu aspecto de cetáceo enorme de negra casca, singrando, lento e pesado, à superfície tranquila das águas.

Depois, um contra-luz admirável, mostra-nos o farol que tôdas as noites indica o caminho aos mareantes, rodeado pelas casotas onde vivem, isoladas do mundo e da civilização, as famílias humildes dos faroleiros.

Por último o Cabo Carvoeiro, caindo abrupto sôbre o mar, apresenta um recorte curioso da costa portuguesa, donde a Berlenga penhascosa, se desprendeu um dia.

Assim viu as Berlengas, a 200 metros de altura, o distinto aviador militar sr. Humberto Pais, graças a cuja amabilidade podemos oferecer aos nossos leitores, tão curioso documentário.





Um dos primeiros projetores construído por Edison em 1896

lanterna mágica, é também conhecido de longa data. Alguns arqueólogos supõem que ela estava já em uso no tempo da civilização egípcia. Nas ruínas de Herculanum foi há tempo descoberta uma lanterna desse género. E o monge franciscano Roger Bacon, que morreu no ano de 1294, deixou-nos minuciosa descrição duma lanterna

UMA história do cinema escrita com espírito da imparcialidade nunca poderá atribuir a um homem a invenção das projeções animadas. Em boa razão não é, de facto, possível, definir a quem cabe a paternidade do maravilhoso invento. Um grande número de controvérsias estereis se tem levantado em volta dessa questão insolúvel. Os Estados Unidos reclamam a glória para Edison, o genial inventor do fonógrafo e da lâmpada eléctrica. A França opõe-lhe Lumière, grande precursor da cinematografia moderna. Por sua vez, a Bélgica apresenta-nos Plateau, illustre sábio a quem a física e em especial a óptica muito devem.

Ora a verdade é que os grandes inventos nunca resultam do trabalho isolado dum homem. São antes o produto duma conjugação de esforços e descobertas subsidiárias. Os grandes inventores limitam-se pois a dar realidade a que outros delinearam. E nem por isso a sua glória é menor.

Por estranho que a primeira vista pareça a ideia do cinema remonta à mais alta antiguidade. Há muitos séculos que se reconheceu que as imagens projectadas adquiriam um valor especial, criavam um mundo novo de sonho e fantasmagoria.

Foi essa a origem das sombras chinesas e da lanterna mágica. As primeiras são conhecidas no Oriente desde tempos imemoriais, em especial em Java e na Turquia. Entre os muçulmanos existe um teatro de sombras chamado Karagöç que se baseia no mesmo princípio.

Na Europa, as sombras chinesas começaram a divulgar-se no século xviii. Em 1772, um tal Seraphin instalou em Versalhes uma sala de projecção de sombras que teve grande nomeada. Ao fim de 4 anos, Seraphin transferiu o seu teatro para as galerias do Palais Royal, em Paris. Aí se conservou até 1858, passando depois para o Boulevard Montmartre onde veio a acabar definitivamente em 1870, após quasi um século de gloriosa carreira.

O teatro de sombras conheceu depois um período de prosperidade quando, em 1886, os desenhadores Henri Riviere e Caran d'Arche criaram na rua Saint Nazaire, em Paris, uma sala de projecções que depois se transferiu para o *cabaret* «Chat Noir» em Montmartre. Mas a breve trecho as sombras chinesas deixaram de corresponder à curiosidade sempre crescente do público.

O outro processo de projecção de imagens, a

construída no seu tempo. A lanterna mágica teve também o seu período de celebridade. No século xviii, Robertson aperfeiçoou o invento e exhibiu-no no convento dos Capuchos em Paris, onde causou o assombro das multidões.

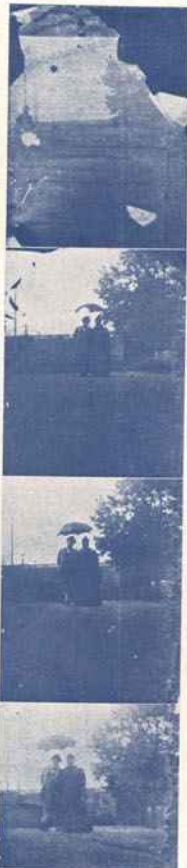
Com a ideia da projecção coexistia a do movimento. E de supor que logo que surgiram as primeiras sombras se procurou imprimi-lhes a aparência de vida, fazendo-as mover. A deslocação do foco luminoso ou do recorte opaco serviram nas sombras chinesas para dar dillusão grossieira.

A lanterna mágica trouxe novo aperfeiçoamento. Apareceram os *polygramas*, constituídos por diferentes lanternas locadas sobre um único *écran*. A medida que a projecção de uma se desvanecia, outra a ia substituindo gradualmente. Mas como se calcula o processo só era applicavel a transformações muito lentas.

A reconstrução do movimento só foi possível pela applicação da maravilhosa descoberta da persistência das imagens na retina. Ninguém ignora hoje que uma impressão luminosa perdura na retina uma fracção de tempo depois de ter cessado a excitação que a produzia. É esse o princípio basilar da reconstrução do movimento pela cinematografia.

Data de 1825 o pequeno brinco conhecido por *traumatropo* em que esse princípio tem applicação e cuja invenção se deve ao dr. Paris. Num círculo de cartão está desenhado numa face um cão em attitude de arremeter e na outra um palhaço. Fazendo girar o cartão em torno duma linha, as duas imagens fundem-se e vê-

Uma película impressionada por William Friese-Greene em Maio de 1889



AS ORIGENS DO CINEMA

DAS SOMBRAS CHINESAS A EDISON E A LUMIERE

Alguns factos capitais da história da cinematografia

se o cão junto do palhaço. A razão do facto já o leitor sabe que é a persistência das imagens na retina.

Foi o sábio belga Plateau o primeiro a estudar esta curiosa anomalia do órgão visual. Em 1833, criou um aparelho de demonstração conhecido por *phenakisticópio* que muitos consideram como o verdadeiro embrião do cinematógrafo, por isso que representa a primeira tentativa de reconstrução do movimento.

Este aparelho de Plateau foi depois aperfeiçoado por outros inventores, entre eles Horner com o seu *zootropo* e Reynaud com o *praxinoscópio*, de que damos a reprodução dum dos raros modelos conhecidos.

Mas Reynaud não ficou por aqui. Inventou um teatro óptico que se exhibiu com grande êxito em Paris a partir de 1892. Sobre um cenário pintado fazia projectar imagens desenhadas numa fita transparente que passava em frente dum foco luminoso de objectiva. A sua glória consiste em que a deslocação dessa fita se fazia por meio de perfurações nas margens, tal como ainda hoje se emprega no cinema. A patente do seu invento, datada de 1888, menciona esse dispositivo que tanta influencia teve no futuro do cinema.

As fitas do teatro óptico de Reynaud eram pacientemente desenhadas à mão, segundo os princípios a que ainda hoje obedecem os desenhos animados. Era um trabalho moroso que não podia dar inteira satisfação. Logo nessa época surgiu a ideia de substituir os desenhos por fotografias. E tanto assim que Frederic Dillaye, referindo-se aos trabalhos de Reynaud num livro publicado em 1894, dizia:

«Bastar fazer representar cenas por modelos bem regulados que se conservem sempre em pontos fixos. As imagens serão então tomadas cronograficamente com intervalos previamente determinados e rigorosamente calculados segundo a velocidade a imprimir à fita que deve registar as imagens para projecção. Nestas condições, com alguns retoques cuidadosamente feitos, chegar-se-á provavelmente a resultados perfectos que dêem a illusão da realidade».

Entretanto a cronofotografia fizera importantes progressos, sobretudo depois da invenção

das chapas sensíveis à base de brometo de prata. Mas já antes disso Muybridge conseguira fazer a decomposição em diversas imagens do movimento dum cavallo a correr. Serviu-se para isso dum processo muito primitivo. Ao lado duma pista dispôs uma série de aparelhos fotograficos. O obturador de cada um deles estava ligado a um fio que atravessava a pista. O cavallo passava a correr, quebrava os fios, e cada aparelho colhia uma imagem do animal em pleno movimento. Muybridge aperfeiçoou o seu processo e reuniu com as suas experiências mais de 20.000 fotografias. Tentou tambem fazer a síntese dos movimentos que decompunha e serviu-se para isso do *phenakisticópio* de Plateau, a que já nos referimos.

Marey que prosseguiu no mesmo campo de pesquisas teve o seu trabalho facilitado pelos grandes progressos que a fotografia fizera entretanto. Dotado de grande engenho construiu diversos aparelhos. Chegou assim a resultados notáveis que constituem a solução teórica do problema da cinematografia.

Por essa época, Edison construiu na América dois aparelhos o *kinetografo* e o *kinetoscópio*. O primeiro servia para registar as cenas animadas e o segundo para reconstituir por meio das imagens o movimento. O célebre inventor applicou o processo da película perfurada e é digno de nota que a medida que adoptou é a que ainda hoje é universalmente usada.

Georges Demeny criava pouco depois dois aparelhos para uso de amadores, o *biógrafo* e o *bioscópio*, que foram construídos por Gaumont. E, finalmente, em 1895 os irmãos Augusto e Luiz Lumière lançavam o primeiro aparelho que ia servir de modelo a quantos lhe succederam. A primeira representação cinematográfica realizou-se em 22 de Março de 1895 no decurso duma conferência de Luiz Lumière sobre a fotografia. A segunda foi em 10 de Junho do mesmo ano em Lyon. Foram projectados oito filmes entre os quais um em que se via o astrónomo Jansen e que fora feita na manhã desse mesmo dia.

Só em 28 de Dezembro se effectuou o primeiro espectáculo para o público, com entradas pagas. A sessão realizou-se na Sala India do Grande



O Kinetoscópio de Edison

dejeo de ver uma fotografia animar-se, mas incapaz ainda de comprehender a força enorme de que o novo invento trazia o germe. Os primeiros

O praxinoscópio de Reynaud

Café de Paris. Os inventores ofereceram ao proprietário da sala uma participação de 2% na receita da bilheteira. Mas este, pouco confiante, no êxito da empresa preferiu receber um aluguer fixo de 30 francos por dia.

O primeiro projector de Lumiere



Cada entrada custava 1 franco. O programa compunha-se de dez filmes de 17 metros de comprimento e cada um levava dois minutos a passar no *écran*. No dia da estreia a receita foi apenas de 35 francos, mas três semanas depois os bilhetes vendidos já subiam a 2.000 francos por dia. Quem poderia adivinhar nêsse tempo que 40 anos mais tarde a indústria cinematográfica occuparia um dos primeiros lugares na escala das actividades humanas, pelos fabulosos capitais que põe em movimento?

De momento, as projecções cinematográficas foram consideradas como uma curiosidade e não como um espectáculo. O público acorria a vê-las, pelo



filmes tinham quasi todos por motivo ingénuas cenas familiares. Num deles, um garoto sentado no colo da esposa de Luiz Lumière lambuzava-se de doce. O filme intitulava-se «A merenda do bebê». Noutras películas via-se a filha de Lumière pescando num tanque e Lumière jogando as cartas com o seu amigo Trewey.

E o caso é que o público applaudia essas modestas tentativas com mais entusiasmo do que as plateias *blasées* de hoje dispensam ás magnificentes super-produções.

Eis esboçadas em poucas linhas as origens dum dos inventos mais fecundos do nosso tempo. Realizada pela primeira vez com êxito a decomposição do movimento em imagens e a sua reconstrução, as mais vastas perspectivas se abriram à ciência. Vem a propósito lembrar que ela participa intimamente de toda a cinematografia que é sempre alguma coisa mais do que um mero divertimento ou curiosidade.

Não previam decerto os geniais precursores que deixamos citados que o cinema poderia vir a ter um dia as maravilhosas applicações que já se lhe encontraram. Não imaginaram por certo que entre as suas mãos diligentes estava o germe do retardador e do acelerador, de todos os prodigiosos maquinismos que nos revelam um mundo para além dos limites dos nossos sentidos. Mas se lhes era impossível ler no futuro com clareza, não deixaram por isso de o entrever confusamente e de avançar tateantes para o fim almejado.

A qual deles cabe a glória de poder ficar conhecido como inventor do cinema? A nenhum e a todos, como vivos. Mas o invento é tão grande e as suas conseqüências tão profundas, que cada precursor pode partilhar no reconhecimento da Humanidade.

BÉBÉ tem o hábito de fazer perguntas desenvolvido em tão alto grau que faz o desespero dos seus progenitores. Já fatigada, a mãe proíbe-o de prosseguir nas suas interrogativas.

— Só mais uma pergunta, mamã! — pede êle.

— Pois bem. Dize lá!

— Quando aparece um buraco numa meia para onde vai o bocado da meia que lá estava antes de aparecer o buraco?



■
A fôrça do hábito:

Enquanto punha sabão no pincel, o barbeiro arriscou algumas palavras:

— E que me diz ao frio que tem feito?

Não obteve resposta. Mas um barbeiro não desanima facilmente e, enquanto assentava a navalha, procurou outro meio de encetar conversa:

— Viu o desafio Porto-Lisboa?

Silêncio.

Só então, olhando o espelho, é que o barbeiro reparou que estava sózinho no seu quarto, fazendo a barba a si mesmo.

■
— Que filme corre hoje no cinema cá do bairro.

— Talvez o "Quo Vadis", mas não há a certeza.

— Porque dizes isso?

— Porque adiante do nome do filme puseram um ponto de interrogação.

■
— Henrique! — gritou a mãe do alto da escada — fecha a telefonia porque essa voz de mulher está a fazer-me mal aos nervos.

— Mas, mamã, não é a telefonia. É a senhora D. Eulália que vem visitar-nos...

■
— Sabes dizer as horas sem ver o relógio?

— Sim... pouco mais ou menos.

— Então dá-me o teu relógio, porque eu não sei.



Depois de numerosas libações, dois amigos regressam a casa. Em certa altura um dêles encosta-se a uma parede muito perturbado.

— Que tens? — pergunta o outro solícito.

— Vejo tudo a dobrar! Que hei-de fazer?

— Fecha um olho e anda daí.

■
— Êste cinto de salvação é o melhor que se fabrica — dizia o caixeiro dum estabelecimento ao cliente que ia empreender uma longa viagem por mar.

— E é de absoluta confiança?

— Oh! Pode estar descansado! Temos vendido centos dêles e as pessoas que se têm servido nunca apareceram a devolvê-los.



■
— Que tenciona fazer na América? — pergunta a um dêles.

— Ganhar a vida honestamente...

— Honestamente? Então desembarque porque não vem fazer concorrência a ninguém.

■
— Porque não posso eu vê-la senão à saída?

— Porque à entrada é meu marido que me acompanha.

■
Entre *girls* — Josette porque estás aborrecida?

— Porque a Mimi repete por toda a parte que não tenho talento.

— E tu ralas-te! deixa-a dizer; tu bem sabes que ela não sabe senão repetir o que os outros dizem.

■
— Ai! — dizia a pobre senhora lavada em lágrimas — porque não me deste essa terrível notícia mais cedo?

— Mais cedo, quando?

— Antes de eu pôr "o rimmel"...

■
Um arqueólogo mostra a um amigo as suas colecções:

— Esta ânfora que aqui vês tem mais de 2500 anos...

Sorriso de incredulidade do amigo:

— Histórias! Como pode ser isso se ainda agora estamos em 1935...

■
O condutor dum carro eléctrico da Estrela estava a fazer a cobrança quando

notou que um passageiro lhe pagara com uma moeda de cinco tostões furada.

— Que vem a ser isto? — perguntou dirigindo-se ao passageiro.

— Isto... quê? — retorquiu êste com um ar perfeitamente natural.

— Esta moeda!

— Mas que tem?

— Então não vê que está furada?

— Também o bilhete que me vendeu está, e eu não reclamei.

■
Um viajante ajuizado com duas enormes malas apeia-se do comboio. Um rapazito acerca-se dêle e diz-lhe com tôda a correcção:

— Se o senhor não quiere passar por carregador, deixe que eu lhe conduza essas malas ao hotel.



O funeral de Melo Barreto

REALIZOU-SE no dia 31 do mês findo o funeral do embaixador de Portugal em Madrid, Melo Barreto, cujo falecimento registámos no nosso último número. A fúnebre cerimónia constituiu tanto em Madrid como em Lisboa, uma imponente manifestação de pesar. Melo Barreto como jornalista e mais tarde como diplomata soubera conquistar gerais simpatias e o seu desaparecimento foi muito sentido.

Castro e D. Jaime Arqueles, secretários de embaixada e D. Fernando de Castro y Calzado, 1.º oficial do Corpo Técnico Administrativo do Ministério do Estado, e ainda os srs. Visconde de Riba Tâmega, encarregado dos Negócios de Portugal em Madrid; coronel Pereira Lourenço, adido militar à Embaixada de Portugal naquela capital, e Henrique Melo



O chefe do governo espanhol incorporado no cortejo fúnebre

ministro de Espanha, adido militar espanhol, secretários da embaixada e pessoal do consulado daquele país; coronel Pereira dos Santos, da comissão de limites de fronteira; Augusto Soares, pela empresa do Teatro do Gimnásio; actriz Adelina Abranches, dr. Beirão da Veiga e esposa.

O féretro foi depois conduzido para o cemitério dos Prazeres, onde ficou depositado.



A Espanha prestou ao ilustre morto honras fúnebres que testemunham o muito apreço em que Melo Barreto era ali tido. O chefe do Estado daquele país esteve na câmara ardente armada no edifício da Embaixada e orou junto do ataúde. No percurso para a estação D. Alejandro Lerroux, seguido por todos os membros do seu Governo acompanhou o enterro a pé. Forças da Guarda Civil e do Tércio prestaram ao cadáver honras de capitão-general.

O corpo de Melo Barreto foi depois embarcado para Lisboa em combóio especial que partiu de Madrid às 19 horas do dia 30. Junto dele veio também a urna que contém os restos de sua filha, há tempo falecida em Madrid.

Acompanharam os féretros de Madrid a Lisboa, uma missão especial composta pelos srs.:

D. Carlos de Miranda y Quartin, ministro plenipotenciário e segundo chefe do protocolo de Espanha; D. José Asensio y Tarrado, coronel do Estado Maior; D. José Ungria Jimenez, tenente-coronel do Estado Maior; D. Manuel Bermudez de

O desfile fúnebre nas ruas de Madrid. A direita: as individualidades que acompanharam o enterro vindo-se ao centro o ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Caero da Mata



Barreto, consul de Portugal em Huelva, sobrinho do extinto.

Em Valencia tomaram lugar no combóio os srs. dr. Carlos Pinto Ferreira, delegado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e tenente Castro Silva, da Polícia Internacional.

Por parte da C. P., acompanharam também o combóio o inspector sr. Guilherme Tomaz e o fiscal sr. Anastácio dos Santos.

Na estação do Rossio era o combóio aguardado pelos srs.:

Luis Barreto da Cruz, chefe do Protocolo da Presidência da República; comandante Rodrigues Cosme, representante do sr. ministro da Marinha;

Em baixo: O prestite no cemitério. Ao lado: A urna a saída da estação do Rossio



D José de Espronceda, o glorioso autor de "El Diablo Mundo," desembarcou, um dia, em Lisboa, na esperança de encontrar refúgio aprazível e seguro.

As autoridades espanholas perseguiram-no duma maneira insuportável, chegando a interná-lo num convento de Guadalupe. O jovem poeta tinha manifestado tais ímpetos revolucionários com tal ardor, apesar dos seus quinze anos incompletos, que julgavam conveniente cortar-lhe os voadouros. Tomara parte activa na política e celebrizara-se na sociedade revolucionária "Los Numantinos," que andava urdindo uma tenebrosa conspiração. Daí a implacável sentença que o forçava durante alguns anos à vida contemplativa do claustro.

Cumprida a pena, regressou a Madrid, mas a perseguição aos liberais tornava-se asfixiante. Nem o uso do bigode era permitido, visto ser considerado como emblema de liberalismo pernicioso!

Tanto Espronceda, como Mariano de Larra e Ventura de la Vega eram vigiados de perto pelos agentes de Martinez de la Rosa.

Com êste La Vega deu-se até um episódio curioso: Passeando em Madrid, bateu de cara com o superintendente da polícia que o intimou a rapar o bigode.

— Os pêlos do meu bigode — replicou o revolucionário — são os meus únicos bens de raiz.

— Pois fique sabendo — disse o superintendente — que se o torno a encontrar com bigode, vai parar à cadeia.

— Farei o possível por não tornar a encontrá-lo.

— Olhe, pelo sim, pelo não, venha daí comigo. Há ali um barbeiro à esquina e ficamos despachados num momento.

Quando mestre Figaro acabou a operação, Ventura de la Vega dirigiu-se para a porta sem querer saber quanto devia.

— Mas então quem é que me paga? — protestou o barbeiro.

— Séi lá! — respondeu o barbeado — que lhe pague quem o mandou tirar-me o que era meu.

Por aqui se avalia o que era a vida em Madrid nesses belos tempos!

Por isso, Espronceda, ansioso de libertar-se de tal desassossêgo e também de correr mundo, decidiu sair de Espanha e deitar-se à aventura. Seguiu para Gibraltar e dali tomou o rumo de Lisboa num barco desmantelado. Quando entrou no Tejo apareceu o barco das autoridades sanitárias que, segundo a tabela, exigiram o pagamento da gabela a cada um dos passageiros. Espronceda, puxando por um duro — única moeda que possuía — pagou com a altivez dum príncipe. Ao serem-lhe

O POETA ESPRONCEDA digno hóspede de Lisboa

devolvidas duas pesetas, pegou nelas, mirou-as com soberana indiferença e atirou-as ao rio, dizendo "não querer entrar em tão grande e formosa capital com tão pouco dinheiro!"

Qual seria a sua vida na capital portuguesa, onde não tinha amigos nem conhecidos, nem um tecto onde se abrigasse, nem um pouco de pão para enganar a fome?

Vagueou ao Deus dará — e conseguiu viver sem quebra de dignidade.

Tão pobre como Homero, tinha desembarcado na pátria de Camões, o poeta imortal que morrera à míngua. Não tinha, pois muita razão de queixa...

Durante o tempo que vagueou em Lisboa, apaixonou-se por uma senhora portuguesa que foi o grande sonho de toda a sua vida. Chamava-se Teresa, e pouco mais sabemos a seu respeito.

No seu poema "El Diablo Mundo," Espronceda dedica-lhe o canto II a prantejar-lhe a morte. Numa nota, o poeta

adverte o leitor: "Êste canto é um desabafo do meu coração. Passe adiante quem não quiser lê-lo sem escrúpulo, pois não está ligado de maneira alguma com o poema."

E o poeta evoca:

*Ainda julgo, Teresa, que te vejo
Aérea, qual doirada mariposa,
No sonho delicioso do desejo,
Sobre as cândidas pétalas da rosa.
Dêsse amor, venturoso devaneio,
Angélica puríssima e ditosa,
Oíço a tua voz dulcíssima, e respiro
Teu perfumado alento em teu suspiro.*

*Ainda fito êsses olhos que roubaram
Aos ceus o seu azul. Fito as rosadas
Tintas de sobre a neve que ofuscaram
As de maio serenas alvoradas;
E aquelas horas doces que passaram
Tão breves, ai! como depois choradas,
Horas de confiança e de delícias
De abandono, e de amor, e de carícias.*

E termina "o desabafo do seu coração," com esta gargalhada sufocada de lágrimas:

*Gosemos, sim. A cristalina esfera
Gira banhada em luz: é bela a vida!
Pois quem parando alcançar podêra
O grato mundo que ao prazer convida?
Brilha radioso o sol. A Primavera
Os campos pinta na estação florida...
Troque-se em riso o meu pesar profundo:
Que haja um cadaver mais que importa ao mundo?*

De Lisboa, o poeta seguiu para Londres, onde se dedicou ao estudo dos escritores ingleses, especialmente Lord Byron ao qual o uniam certas semelhanças de espírito e de caracter. Sempre nas asas da aventura, tomou depois o rumo de

Paris. Não poderia ter escolhido pior ocasião. A capital francesa andava a ferro e fogo por motivo da célebre revolta de Julho de 1830. Como seria de calcular, Espronceda, no ardor dos seus vinte e dois anos, fez causa comum com os revolucionários franceses e tomou parte activa nos combates das barricadas. Rendeu-lhe isto a prisão e quasi o fusilamento. Três anos depois, favorecido por uma ampla amnistia, conseguiu regressar a Espanha, onde lhe foi facultado um lugar no Corpo da Guarda. Uma das suas poesias demolidoras rendeu-lhe o desterro para Cuellar. De novo, um indulto o levou a Madrid; mas não sendo Espronceda dos que se submetem ante a violência, tomou parte activa nos distúrbios de 1835 e 1836, batendo-se heroicamente nas ruas e pronunciando discursos formidáveis que o collocaram na perigosa categoria de cabecilha e chefe de rebelião.

Amnistiado mais uma vez, foi diplomata e deputado aos Côrtes, morrendo pouco depois, com 34 anos, balbuciando o nome de Teresa — a formosa portuguesa que tanto amara.



José de Espronceda

Três inéditos de João Saraiva

FILHO DE PEIXE

O pai, aferrado ao estudo,
Teve grande nomeada.
Foi sábio — sabia tudo...
E o filho que sabe? — nada.

O pai, talento espontâneo,
Tinha a fásca sagrada.
O filho cóça no crânio,
Espreme os miólos — e nada!

Ninguém, portanto, se queixe
Da sentença popular:
"Filho de peixe
Sabe nadar!".

NOVA-RICA

Tem mais anéis do que dedos;
E num dêles, o maior,
Duas pedras... dois penedos
De incalculável valor...

E o marido endinheirado
Que lhos deu, estranha, então,
Que ela lhe fale, coitado,
Com duas pedras na mão!



LUAR DE AGOSTO

Resplende em pleno azul a lua cheia
E a vaga do luar tinge a campina...
Dorme um sono profundo a clara aldeia
Nas alvacentas faíldas da colina.

Silêncio... Nos casais, que a luz prateia,
Cobrem-se as telhas duma gaze fina...
Dentro extingue-se a chama da candeia,
E, agora, a branca lua é que a ilumina!

Calmo, cintila o rio. Aves nocturnas
Ainda esperam nas sombrias furnas
Que acabe um dia tão extenso e mudo!

E os rouxinóis, nos choupos, cismadores,
Perguntam onde estão os caiadores
De grandes bróxas que caíram tudo!...

João Saraiva.



D. Maria Emília de Azevedo e Castro

COMO em tudo; houve na diplomacia "d'après guerre," uma mudança completa. Para ser diplomata, hoje em dia é preciso muita coisa. Não basta vestir bem, dançar com elegância ter um ar rígido e distante, estar bem relacionado e freqüentar os melhores salões. O padrão antigo do diplomata tende a desaparecer do cenário do Mundo.

Hoje em dia na diplomacia é preciso atender a muitas questões importantes, é preciso uma grande cultura de espírito, mas uma cultura profunda, que vá até às mais ínfimas questões sociais. Ínfimas aos olhos dos antigos diplomatas, mas duma grande e altíssima importância nos dias de agora, em que a efervescência das camadas sociais, chamadas baixas, e que uma mal entendida cultura tem levado a um espírito de revolta que muito deve preocupar os dirigentes.

O diplomata habitualmente não pode estar em contacto social apenas com o corpo diplomático e com as aristocracias dos vários países que percorre, aristocracias dum agradabilíssimo convívio, mas fúteis, e, pode dizer-se que quasi sem influência nas graves questões sociais que tanto preocupam a humanidade de hoje.

O diplomata para bem servir o seu país tem de estar em contacto com as "élites," intelectuais, com os filósofos, os literatos e as altas individualidades do jornalismo. Tem de ter uma maleabilidade de espírito que lhe permita tratar com todos e criar simpatias, em todos os meios, dos países em que serve o seu,

A MULHER E A DIPLOMACIA

para assim poder bem servir os interesses do país, que lhe entrega além fronteiras a defeza dos seus interesses. Não só em banquetes e bailes se conquista hoje um lugar de destaque, mas sim fazendo conferências, publicando livros, fazendo ver que um espírito arguto, que por tudo se interessa é sem dúvida o que convém a um país, que quer ter uma boa representação diplomática.

Tem sido com imensa satisfação que tenho visto que é o que se tem dado com um dos nossos representantes lá fóra, Sua Excelência o senhor Dr. Augusto de Castro, nosso ministro em Roma que foi agora transferido para Bruxelas.

A despedida dêste illustre diplomata, em Roma, foi das mais brilhantes que tem sido feitas aos nossos diplomatas.

Banquetes, festas, e, os artigos dos jornais vêm provar-nos o que era a sua situação em Roma, uma das capitais, onde se pode dizer, hoje se joga a sorte da Europa, e, onde estão fixados os olhos de todo o Mundo.

O que será a sua situação em Bruxelas onde Sua Excelência, já esteve como nosso representante, dizem-no as referências, que todos os jornais belgas têm feito ao illustre diplomata, ao noticiar a sua transferência para ali. Podemos com orgulho dizer que o nosso representante é conhecido de todas as "élites," intelectuais da Europa.

No seu segundo número "Le Document," uma das mais sérias e interessantes revistas francesas, número dedicado a Sua Santidade Pio XI e intitulado "Le Pape dans le Monde Contemporain," insere um retrato do illustre diplomata que esteve antes, nosso representante junto do Vaticano, acompanhado dum artigo em que Joseph Ageorges, o grande jornalista e insigne escritor, faz justiça ás grandes qualidades intellectuais e de diplomata do nosso representante.

Mas na diplomacia não basta que o representante dum país tenha todas as qualidades, é necessário, que seja ajudado na sua espinhosa missão por sua esposa. A mulher dum diplomata tem uma grande influência na sua vida pela acção que pode exercer conjuntamente com seu marido.

E é justamente êsse um dos grandes auxílios que na sua brilhante vida oficial tem encontrado o illustre diplomata Dr. Augusto de Castro.

Sua esposa a senhora D. Maria Emília de Azevedo e Castro tem sido a sua melhor auxiliar.

Descendente duma das mais nobres famílias do Minho, província que se pode bem dizer foi o berço da aristocracia portuguesa a senhora D. Maria Emília de Castro alia á sua natural distinção e esmeradíssima educação, um trato afável e lhano. A sua gentileza é a mesma falando com uma rainha ou dirigindo-se a uma camponesa, sabendo no entanto e com inato instinto aristocrático, marcar a sua deferência para com a rainha e a sua simpática protecção á mulher humilde.

Em Londres, em Bruxelas, em Roma são inumeras as simpatias, que esta senhora tem conquistado e que recaem sôbre o nosso país, que ela tão bem representa.

Portuguesa, apaixonadamente patriota, como em geral o é a boa gente do Minho, esta senhora procura em toda a parte engrandecer o nome do seu país, que ela ama com o fervor que pela sua Pátria sentem aqueles que têm uma ancestralidade de servidores do seu país.

Uma estrangeira ainda que nacionalizada perante a lei e muito adaptada ao seu novo país, nunca o poderá representar, com a mesma eficácia, primeiro porque lhe faltam as qualidades da raça, a marcar um lugar á mulher do país que representa, e, depois porque as suas simpatias haja o que houver irão sempre para o seu país de origem, aquele que lhe foi berço e a que a ligam todas as recordações de infância e de família, tão importantes sempre na vida duma mulher, que por seu feitio sentimental é sempre pelo coração mais profundamente arreigada ao seu país, a que dedica uma especial afeição.

O homem mais facilmente se desprende e se esquece da Mãe Pátria. É pois a senhora D. Maria Emília de Castro, portuguesa, de distintíssima família, de grande amor pátrio, senhora de aprimorada educação, de afabilíssimo trato, de grande atracção pessoal, pela simpatia que irradia, a esposa ideal dum diplomata português, concorrendo com a sua obra na sociedade, para que a representação de Portugal no estrangeiro seja a mais brilhante.

Certamente, que em Bruxelas como em Roma, o Dr. Augusto de Castro continuará a representar Portugal com os melhores resultados, levantando a nome de Portugal e dos portugueses, nos salões onde a sua esposa o acompanhará e com o seu encanto pessoal de trato tornará conhecida a mulher portuguesa, e, nos meios intellectuais onde o seu nome de escritor de vigoroso talento é tão conhecida, Sua Excelência levantará e aumentará o prestígio de Portugal, serviço êste que o país lhe agradecerá reconhecendo o seu mérito como merece, e assim a nossa diplomacia engrandece.

Maria de Eça.

A burla do Cid Campeador

ou a história de duas arcas cheias de areia
que foram empenhadas por seiscentos marcos



NA Catedral de Burgos encontra-se exposto o famoso cofre do Cid pelo qual toda a gente manifesta uma grande veneração. E, no entanto, se pensarmos bem, êste famoso cofre representa o primeiro «conto do vigário» contado no século xi, quando, segundo o ilustre poeta Afonso Lopes Vieira, «estava Portugal para nascer».

Pois foi assim mesmo. Tendo el-rei D. Afonso enviado Rodrigo Dias de Bivar a receber os títulos que em cada ano lhe pagavam os rei de Córdova e de Sevilha, não se comportou o emissário consoante a vontade do soberano que lhe ordenou o destêro.

O Cid Campeador andou a monte, cheio de fome e miséria, pois todos, receosos da ira do rei, lhe recusavam guarda.

Chegando a Burgos, onde também «era vedado vender comida ao Cid, e ninguém ousava vender-lhe um dinheiro dela que fôsse», um tal Martin Antolinez «abastece-o e aos seus de pão e de vinho, do que todos se alegram. E porque dá do que lhe pertence em nada desobedece. E Martin Antolinez disse ao Cid:

«— Ó Campeador em boa hora nasceste. Repousemos esta noite e abalemos de madrugada, pois serei acusado de vos servir e a sanha do rei me alcançará. Se convosco escapo são e vivo, ainda cedo ou tarde me há-de el-rei requestrar a amizade. Se não, a tudo o que deixo

lhe quero menos que a um figo!

«Respondeu o Cid:
«— Martin Antolinez, sois bravo cavaleiro! Se viver, dobrar-vos-ei o sôldo. Mas bem vêdes que não trouxe oiro nem prata, de que hei mister para a minha companhia; e, pois de bom grado os não haverei, tomá-los-ei por força. Com vosso conselho quero servir-me de duas arcas forradas de couro vermelho lavrado e com boa pregaria dourada. Enchamo-las de areia a fim de serem pesadas. Com os judeus Raquel e Vidas vos ireis ter e dir-lhes-eis que pois em Burgos me negaram pousada à ordem de el-rei que me desterrou, não posso levar meus haveres por serem muito pesados. Levai as arcas de noite; que o não veja ninguém.

Julgue-o, sim, o Criador com todos seus Santos, pois, se Deus me ajudar, a tudo remediarei.

«Passou Martin Antolinez por Burgos, entrou apressurado no Castelo, buscou a Raquel e Vidas, que estavam entretidos a contar os seus ganhos, e, no apêto em que se via falou-lhes assim:

«— Raquel e Vidas, caros amigos, quero falar-vos à puridade. Dai-me as

mãos, prometei que me não descobrireis a mouros nem a cristãos, e eu vos farei ricos para sempre! Sabei que o Campeador tomou grandes haveres das páreas que cobrou, pelo que foi desterrado. Tem duas arcas cheias de ouro fino! E não as pode levar por serem muito pesadas. Quere aqui deixá-las em vosso poder, pelo que emprestareis o que fôr ajustado. Tomai pois as arcas e ponde-as a salvo, jurando por vossa fé que não lhes tocareis por todo êste ano.

«O Cid — salientou-lhes D. Martin — só há de querer o que fôr justo e pouco vos pedirá por deixar os seus haveres a salvo.

Feita a transacção, os judeus estenderam no chão um cobertor, puseram-lhe em cima uma fina toalha, e começaram a contar o dinheiro: trezentos marcos de prata e trezentos de oiro, aos quais recebia Antolinez sem os pesar.

«Carregou D. Martin com o dinheiro a cinco escudeiros, e agora ouvireis o que êle disse quando isto houve feito:

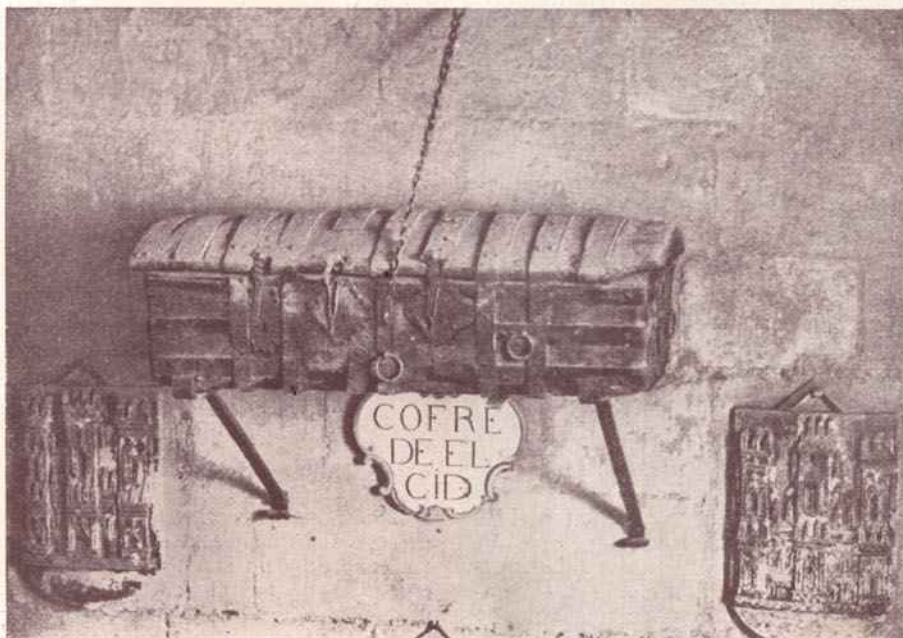
«— Ah! D. Raquel e D. Vidas, pelos ganhos que vos dou, bem merecia eu alviçaras!

«— Dão-se-lhe — concertaram entre si os judeus — pois bom negócio nos trouxe.

«E deram-lhe trinta marcos que Martin agradeceu, despedindo-se».

O diligente Martin Antolinez era digno do novo amo que arranjava!

Depois, com tal exemplo, como havia o pobre rei de Leão queixar-se quando Egas Moniz empenhou em vão a sua palavra de honra?



A arca do Cid Campeador tal como se encontra na Catedral de Burgos



COM a morte de José Sánchez Guerra perde a Espanha uma das suas figuras mais características. A nobreza do seu carácter ficou marcada desde a sua mocidade em que se aventurou na azinhaga tortuosa da política até os derradeiros momentos da sua longa vida de setenta e seis anos.

A sua acção como jornalista destacou-se — tinha ele vinte anos — nos violentos artigos que escreveu para "El Correo", tornando-se, a breve trecho, um dos mais formidáveis orientadores da propaganda liberal. Pouco depois, arvorado em director de "La Iberia", e de "La Revista de España", continuou a manter os seus créditos. Foi sempre lógico e coerente.

Raras vezes se encontra um político com tão belas qualidades.

Este caudillo conservador foi daqueles vultos que, conquistando a admiração dos seus amigos, sabia impôr o maior respeito aos seus adversários. O se-

grêdo deste condão estava na sinceridade da sua alma e na austeridade da sua conduta.

Se para se ser político fôsse necessário ser cauto, precavido e dissimulado, Sánchez Guerra teria sido o menos político possível. Sánchez Guerra era todo paixão e impulso generoso, não sabendo reservar-se, e entregando-se inteiramente de corpo e alma ao cumprimento do seu dever. Nesse momento, todo ele vibrava a nem os mais fundos afectos o detinham no seu caminho.

A sua dedicação junto da rainha Maria Cristina — a mãe extrema — que defendera o trono para o filho enfezadinho e mirrado — foi um dos seus grandes exemplos de abnegação.

Houve quem pensasse mal desta dedicação, mas os maldizentes desapareceram na treva donde vieram, e a obra de Sánchez Guerra manteve-se peregrina, cintilante e imortal.

José Sánchez Guerra



Sánchez Guerra na sua famosa conferência histórica do teatro de Zarzuela

O NOBRE EXEMPLO DE SANCHEZ GUERRA

Uma longa vida e uma longa obra de lealdade e abnegação, honradez e patriotismo

Após o conflito entre Sagasta e António Maura, Sánchez Guerra seguiu este último, tomando ostensivamente a direcção do jornal "El Español". Maura vendo nele um valioso auxiliar, deu-lhe uma pasta no primeiro ministério que organizou. Mas Sánchez Guerra não nascera fadado para ser dirigido, e pouco depois, separava-se do seu chefe político para formar um partido seu, defendendo a política de Eduardo Dato.

Em 1917, sendo ministro do Interior, Sánchez Guerra manifestou a sua formidável energia na sufocação do movimento revolucionário socialista que rebentára em agosto, em vários pontos de Espanha. Reunidas as Córtes, eleitas sob a actuação do ministério nacional, Sánchez Guerra foi escolhido para presidente do Congresso.

Em julho de 1921, ruiu o ministério presidido por Alendalazar, em consequência da queda do comando geral de Melilla. Toda a Espanha estava de olhos postos nesse pavoroso Marrocos que continuava sendo o mais vasto cemitério da Espanha. O rei apelou para o patriotismo de Sánchez Guerra, já então chefe do partido conservador, e encarregou-o da formação do novo governo. Este ministério durou ano e meio. Foi ainda Marrocos a causa da queda do ministério Sánchez Guerra. Tendo o parlamento discutido a melindrosa questão das responsabilidades pelo desastre de Marrocos, o feroz político, após ter mostrado baldadamente a razão que lhe assistia, julgou mais acertado demitir-se.

Mas onde ele se mostrou mais nitida-

mente, foi nas horas dramáticas do governo de Primo de Rivera. Sánchez Guerra podia abster-se, tanto mais que encontraria um sem número de razões plausíveis para justificar a sua abstenção.

Conseguira ser tudo o que um político poderia aspirar. Além disso, a sua idade poderia eximi-lo de altitudes heroicas. Poderia aguardar uma nova fase mais favorável e tentar novos empreendimentos, mas, na devida oportunidade, acautelar-se...

Preferiu ficar e foi derrotado.

Tentando derrubar Primo de Rivera, seguiu para Valencia e ali desembarcou, a fim de cumprir o pacto sedicioso que firmara com o capitão general Castro Girona. Mas como este tivesse recuado na sua decisão, Sánchez Guerra foi preso, tendo assumido nobremente todas as responsabilidades.

Em pleno tribunal disse aos seus julgadores:

— "Fui preso com armas na mão. Sou um vencido. Podem fusilar-me!"

Mais tarde, tombado Primo de Rivera, e quando a fogueira revolucionária abraçava

«A conversão do Duque de Gandia», famoso quadro de Moreno Carbonero, que Sánchez Guerra tomou como exemplo da sua repulsa pelo rei

já a Espanha inteira, Afonso XIII recorreu a Sánchez Guerra. Era tarde já...

No seu famoso discurso no teatro de Zarzuela, teve o desassombro de paten-tear a sua atitude, uma atitude que todos os seus correligionários escondiam por comodidade e cálculo.

«Não sou republicano, mas reconheço que há uma coisa difícil, muito difícil no regime monárquico constitucional: é assumir a chefia do Governo. O que aceitar a presidência do ministério compromete ante o trono, ao jurar — dou uma grande importância ao juramento — a sua lealdade, a sua probidade e a sua honra. No pacto tácito que ali se estabelece, recebe em troca a segurança e lealdade de quem recebe também o juramento. Ficam comprometidas a probidade e a honra num intercâmbio de confianças. E, já agora, digo-vos que perdi a confiança na «confiança».

A "confiança" em que perdera a confiança era uma alusão ao rei. E, prosseguindo, salientou:

«Quero aclarar e fixar dum modo definitivo a minha posição pessoal. Quero continuar guardando todos os respetos que tenham a sua origem no meu próprio respeito. Eu refugiando-me como sempre na literatura, paixão incurável que sempre me acompanhou, trago à vossa memória o famoso quadro de Moreno Carbonero, «A conversão do duque de Gandia» e a posição de seu protagonista. É sigo o exemplo desse titular ao contemplar o cadáver da rainha D. Isabel, repetindo as suas famosas palavras:

«Não quero abrasar mais a minha alma num sol que possa apagar-se, nem quero voltar a servir senhores que em vêmes se convertem!»

Foi este o último grande arranco de Sánchez Guerra, e o seu derradeiro grande gesto.

Proclamada a República, fez a seguinte afirmação:

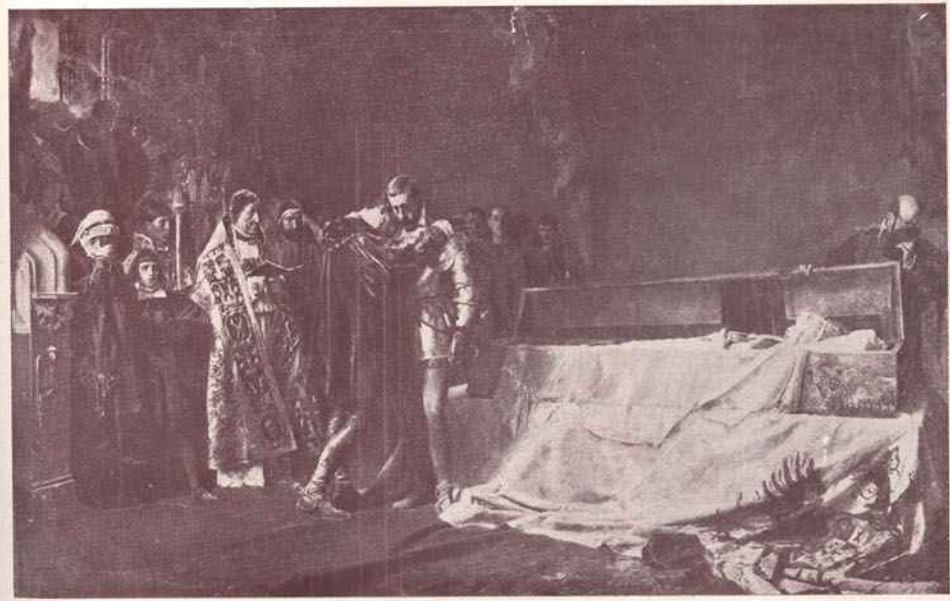
— "Desejo, para bem da Espanha, que a



República se consolide, porque, antes de monárquico, sou espanhol.

Sánchez Guerra foi, em boa verdade, o mais belo símbolo da austeridade e o mais nobre exemplo do patriotismo.

Sánchez Guerra quando deputado no período da regência de Maria Cristina





menga Ana de Clèves que, pouco depois, era posta de parte. Contraíu novas núpcias com a desventurada Catarina Howard, sobrinha do duque de Norfolk, cabendo a esta a sorte de Ana Bolena.

Henrique VIII idolatrava a sua nova esposa a tal ponto que ordenou a todos os seus subditos as mais fervorosas preces ao céu por lhe ter concedido um anjo para companhia. Um belo dia, constou ao rei que sua mulher, antes de casar-se, tivera umas leviandades que não lhe recomendavam a virtude e a honra. Tanto bastou para que o terrível monarca atirasse com a pobre mulher para o cadafalso.

Dizem os cronistas que Henrique VIII sofreu muito com o triste fim de sua mulher que, durante a sua vida de casada, soubera manter uma conduta impecável. Se ela tinha qualquer mancha nos seus tempos de solteira, porque a foi buscar para esposa?

Pois levou a tal extremo a sua vingança que, não se contentando com a execução de Catarina Howard, fez degolar a sua cúmplice Lady Rochefort, o conde e a condessa de Norfolk, a condessa de Bridgewater e mais nove pessoas que, segundo se dizia, tinham sido encobridoras da falta cometida por Catarina.

Além disto, fez publicar uma lei condenando à morte todo aquele que enco-

FEVEREIRO é de todos os meses o mais pífido e volúvel.

Ninguém deve ter confiança nos seus lindos dias cheios de sol, pois, quando menos se espera, desaba uma carga de água que enxarca os incautos até os ossos. As nossas avós fortaleciam esta prevenção com uma lenda muito curiosa a que davam o maior crédito. Diziam que a mãe de Fevereiro, na intenção de aproveitar uma réstea de sol nesta quadra do governo de seu filho, subira ao terraço sem o menor resguardo e ali ficou a fiar na sua roca. Nisto, desencadeia-se uma bâtega de água de tal ordem que arrastou no enxuro a pobre velha. Daí o dizer-se que «Fevereiro enganou a própria mãe ao soalheiro».

O mais curioso é que a fleumática Inglaterra também lhe atribui altas e graves responsabilidades nos mais trágicos episódios da sua História do século XVI. No dia 13 de Fevereiro de 1542, Henrique VIII mandou degolar a sua 5.ª esposa Catarina Howard com a mesma naturalidade com que ordenara a execução da 2.ª, a famosa Ana Bolena.

Este soberano, pelo visto, mudava de mulher como quem muda de camisa. Depois de ralar com desgostos Catarina de Aragão, sua primeira esposa, repudiou-a para casar com Ana Bolena. Enfiando-se desta, ordenou ao carrasco de Calais que lhe cortasse a cabeça, e casou-se no dia seguinte, com Joana Seymour que veio a morrer de parto. Casou novamente, sendo a vítima, desta vez, a princesa fla-

Maria Stuart



Maria Tudor

FATALIDADE HISTÓRICAS

A influência fatídica do mês de Fevereiro nas soberanas inglesas do século XVI

brise as leviandades da rainha e que, sabendo o poder. O protestantismo triunfava ostensivamente qualquer facto escandaloso anterior ao casamento em Roma.

o não revelasse com a devida documentação. A nova soberana, que nada devia à formosura, rei tinha o maior empenho na virgindade da nova dotada dum génio feroz e duma vaidade inlher que escolhesse, e queria, todo o transe, era concebível. Vivera afastada da Córte desde os seus primeiros anos, tendo dedicado o seu retiro quasi claustral em cultivar o espirito. E não perdeu o seu tempo.

Estudou filosofia, história, política, línguas e literatura. Além de algumas obras originaes em prosa e verso, traduziu do grego várias composições de Isocrates, Eurípides e Plutarco; verteu do latim a «Arte poética», de Horácio; «De bello Jugurthino», de Salustio, e outras de Cicero, Séneca e Boecio. Falava com tanta facilidade o grego que, tendo um catedrático de Cambridge recitado uma saudação na língua helénica, exaltando a sua elevação ao trono, a rainha respondeu, de improviso, e no mesmo idioma.

Falava também o latim, o francês e o italiano com grande pureza, explicando-se soavelmente em alemão. Tocava vários instrumentos e dançava com infinita graça.

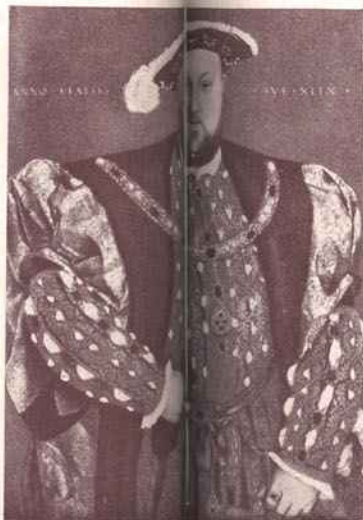
No entanto, a convivência com tão bons mestres não conseguiu modificar-lhe a ferocidade do seu temperamento. Era um verdadeiro monstro de crueldade. De entre os seus crimes destacamos a barbara execução de Maria Stuart, a desventurada rainha escocesa, cujo sangue ficou manchando o longo reinado deste Nero de saias.

E, no fim de contas, porque foi cometida esta monstruosidade?

Afirma-se — e tudo leva a crer que assim seja — que a rainha Isabel mandou decapitar Maria Stuart por não suportar que esta fôsse mais for-



Catherine



Henrique VIII

mosa, mais prendada e mais popular do que ela!

Lord Melville, que havia sido enviado por Maria Stuart à Córte inglesa com o encargo de preparar terreno ao estreitamento de relações amistosas entre as duas rainhas, deixou passagens curiosíssimas nas suas Memórias que fortalecem esta arrojada opinião. Diz o diplomata escocês que o seu plano de aproximação tinha sido habilidosamente engendrado. Uma vez por outras, punha de parte o porte grave e rígido de embaixador, tentando aproximar-se, tanto quanto possível, da conversação familiar. Tratando-se de duas rainhas, a sua acção deveria basear-se em frivolidades que são, no fim de contas, os pontos fracos da mulher.

«Por este motivo (conta Melville) eu não me descuidava de juntar às minhas observações acerca dos costumes dos alemães, dos polacos e dos italianos, algumas notas referentes às mulheres dessas nacionalidades, e aos traços que me pareciam mais elegantes. Numa destas ocasiões, a rainha disse-me que possuía trajos de todos os países, e, confirmando a sua declaração, appareceu-me sempre com um traje diverso em cada dia.

«Hoje vestia à inglesa, amanhã à francesa, no outro dia à italiana, e assim sucessivamente. Um belo dia, perguntou-



A rainha Isabel de Inglaterra

me qual dos seus vestidos lhe ficava melhor. Respondei-lhe que julgava ser o italiano, e verifiquei que esta resposta lhe agradara. Como gostava de ostentar os seus cabelos loiros, a coifa italiana ficava-lhe à maravilha.

«Desejou que eu lhe dissesse qual julgava mais formosa: ela ou Maria Stuart. Deveras embarçado, respondi-lhe que ambas eram igualmente belas. Insistiu, porém, forçando-me a indicar a minha preferência. Disse-lhe então que ela era a mais formosa rainha que até ali havia sido vista na Inglaterra; do mesmo modo que a minha soberana o era na Escócia.

Esta resposta não a satisfêz e voltou a insistir. Cada vez mais aflito, balbuciei palavras na intenção de dizer que eu tinha a ambas pelas mais belas damas dos seus reinos... que sua majestade era mais branca, mas que a minha soberana era mais elegante.

Tempos depois, Maria Stuart vinha cair nas garras tigrinas da rainha Isabel que a mandou para o cadafalso.

«Pode dizer-se que, quando assinou a setença condenando à morte a pobre soberana escocesa, tinha o coração mais cheio do fel da inveja, do ciúme e da vingança, do que do zelo pelos altos interesses da pátria que nada beneficiavam com semelhante crueldade.

Maria Stuart subiu ao cadafalso no dia 8 de Fevereiro de 1587.

Sempre o mês fatídico de Fevereiro!

Joana Grey



Thomas Barnes, um dos mais célebres directores de «The Times»

que orientou o jornal de 1817 a 1841, «The Times», fez enormes progressos, revolucionando a Imprensa da época. De facto, até então e especialmente em Inglaterra, os jornais dependiam de facções políticas que os subsidiavam. Este estado de coisas era prejudicial a todo o desenvolvimento da Imprensa e impedia-a de exercer a sua mais elevada missão — a de esclarecer a opinião pública. Barnes soube pôr-lhe termo, criando um jornal informativo, perfeitamente independente, cuja integridade e desassombro, se impuseram a breve trecho. A acção que «The Times», exerceu desde essa data na vida pública inglesa é incalculável.

Através das mais variadas circunstâncias, o grande jornal inglês tem sabido manter intacto esse prestígio. Na actualidade, é ele ainda o intérprete fiel da grande maioria da opinião pública britânica. Os seus ponderados comentários à política internacional são sempre escutados com atenção, por isso que representam, se não o critério das entidades oficiais da Grã Bretanha, pelo menos o modo de ver duma parte considerável da nação.

«The Times» e a sua prestigiosa reputação sugeriram a Eça de Queiroz algumas páginas deliciosas das suas cartas de Inglaterra. Nelas nos conta o grande escritor o pérfido atentado dum gracioso contra a austeridade do velho jornal. No relato duma sessão da Câmara, a meio dum grave discurso, alguém intercalou subrepticamente, meia dúzia de frases libertinas, irreverentes. Quando a proeza foi descoberta, os primeiros exemplares haviam sido já expedidos. E para manter intacta a reputação de «The Times» os proprietários compraram a peso de ouro os exemplares já vendidos, para que nenhum vestígio ficasse de tão abominável

No dia 1 de Janeiro último, o grande jornal inglês «The Times» completou cento e cinquenta anos de existência. A Imprensa do mundo inteiro referiu-se largamente ao facto, que nos sugere agora estas linhas.

Em rigor «The Times» não é o mais antigo jornal do mundo. Andam por aí referências a certo periódico chinês cuja fundação remonta a época muito mais atrasada. Mas parece-nos duvidoso que essa publicação do Celeste Império tenha mantido sempre o carácter diário. E se nos restringirmos à concepção corrente do jornal, «The Times» ocupa o posto mais elevado e respeitável na escala.

Foi de facto no primeiro dia do ano de 1785 que veio a lume o primeiro número de «The Daily Universal Register», jornal de grande informação fundado por John Walter. Três anos mais tarde o novo diário alterava o seu título para «The Times», que ainda hoje usa.

Sob' a direcção de Thomas Barnes,



SÉCULO E MEIO DE PUBLICAÇÃO

A história dum grande jornal

Os progressos da Imprensa durante os 150 anos de existência de «The Times»

gracejo. Apesar da sua feição eminentemente conservadora «The Times» tem sido sempre um jornal progressivo, que acompanha de perto os aperfeiçoamentos das artes gráficas. Foi o primeiro jornal a instalar debaixo de grande segredo, em 1814, uma máquina de impressão movida a vapor, inventada por Koenig.

Para se avaliar do caminho percorrido desde essa data basta dizer que a máquina de Koenig imprimia mil a mil e cem exemplares dum jornal de quatro páginas por hora, e que, no mesmo espaço de tempo, as modernas rotativas imprimem trinta e cinco a quarenta mil exemplares dum jornal de dezasseis ou trinta e duas páginas.

Tôdas as questões técnicas têm merecido aos dirigentes de «The Times» um cuidadoso estudo. Assim, uma comissão de que faziam parte diversos oftalmologistas, foi encarregada de estabelecer o tipo de letra que, sendo mais legível, menor esforço visual exigisse. Dos trabalhos a que essa comissão procedeu resultou fixar-se o tipo que é hoje adoptado.

É sobretudo na organização do serviço de informações que os dirigentes de «The Times» mais oportunidades tiveram de revelar o seu espírito de iniciativa e a sua concepção moderna do jornalismo.

Durante a Guerra Napoleónica, por exemplo, o governo inglês pretendeu obstar à publicação dos imparciais comentários de «The Times» e para isso fez interceptar as encomendas que de França eram dirigidas ao jornal pelos seus correspondentes. John Walter II, director nessa época e descendente do fundador, freou então um veleiro com o qual atravessou várias vezes a Mancha e ludibriando os guardas da costa, conseguiu assim publicar sensacionais notícias, antes mesmo de as autoridades britânicas delas terem conhecimento. A sua missão era informar o público e para a cumprir não hesitava em exercer um honroso contrabando.

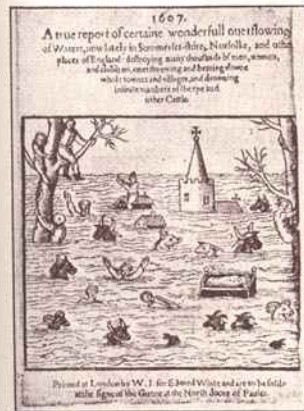
Durante a guerra russo-japonesa, «The Times» equipou um navio, o «Haimun», com um posto emissor de telegrafia sem fios. A bordo desse barco, o seu enviado especial accom-

panhou as diversas fases da tomada de Porto Artur pela esquadra japonesa. «The Times» pôde assim publicar em primeira mão o relato circunstanciado da sangrenta batalha. Foi essa a primeira vez que o prodigioso invento de Marconi foi utilizado para a transmissão de noticiário jornalístico.

A lista dos correspondentes de «The Times» inclui mais de um mártir. Assim, em Julho de 1927, Frank Basil Riley, enviado à China para observar a agitação naquele país, foi atraído a uma cidade e barbaramente assassinado pelos soldados do general Cheng. Outro correspondente escapou por pouco ao terrível terremoto que sacudiu o Japão em 1923. Os telegramas em que relatava a catástrofe foram por ele escritos entre os escombros de Tóquio, tendo sobre os joelhos a máquina dactilográfica. Um aeroplano militar levou-o depois para uma estação telegráfica fora da área devastada pelo sismo.

Como todos os diários de grande informação, «The Times» vive à custa de tôdas estas dedicações anónimas, do esforço tenaz, extenuante e ignorado de muitos obreiros. São estes que fazem a sua grandeza, que comunicam ao seu carácter efémero a essência do eterno.

A ilustração ocupa num grande jornal lugar da máxima importância. «The Ti-



Primeira página dum folheto de 1807 em que se noticia uma inundação

Redacção de «The Times» em 1911



mes» dedicou-lhe sempre cuidada atenção servindo-se dos processos mais aperfeiçoados de reprodução de imagens.

Neste capítulo, a Imprensa inglesa marca, no estado actual da indústria gráfica, um adiantamento notável. A reprodução das gravuras faz-se, nos grandes jornais como «The Times», de modo perfeito, e quasi sem se recorrer ao retoque da fotografia.

É sem dúvida curioso comparar os progressos realizados neste domínio. Os primeiros jornais eram ilustrados apenas com gravuras de madeira. Nenhum outro



O mais antigo jornal ilustrado que se conhece. Reprodução da capa dum dos numeros da «Gazette» de Amsterdã

processo se conhecia então para reproduzir imagens.

O número dessas gravuras era, geralmente, escasso visto que cada uma requeria trabalho minucioso e demorado. Consultando velhos periódicos pode notar-se que os editores recorriam a diversos expedientes para suprir essa falta. Usava-se a mesma gravura para ilustrar acontecimentos diversos. Se porventura se tratava dum retrato, aproveitava-se a mais ligeira semelhança para o publicar novamente com outro nome. A descoberta de processos mecânicos de fotografia veio modificar total-

mente este estado de coisas. E o problema passou a ser, desde então, o transporte rápido das fotografias dos mais diversos pontos do globo à redacção dos jornais. O expresso, o automóvel e o avião são frequentemente utilizados. Mas a última palavra pertence, sem dúvida, à transmissão das fotografias pelas ondas hertzianas, processo oneroso mas que os grandes diários utilizam já regularmente. Assim, quando os aviadores Scott e Campbell Black ganharam a corrida Inglaterra-Austrália, a fotografia da sua chegada ao aeródromo de Melbourne foi transmitida para Londres e publicada poucas horas após o acontecimento.

E a propósito de ilustrações, cabe aqui uma referência aos precursores desse moderno processo de informação.

A ideia de acompanhar as notícias de gravuras remonta, pelo menos, aos primeiros do século xv. Conhecem-se numerosos folhetos dessa época, em que os acontecimentos mais sensacionais eram grosseiramente ilustrados. Damos nestas páginas reprodução dum em que se descreve uma inundação a que o gravador imprimiu uma saborosa nota de ingenuidade.

Mas o primeiro jornal ilustrado que se conhece data de 1619. Publicava-se em Antuérpia e pode considerar-se como o mais longuquo antepassado da «Illustração» e revistas contemporâneas.

Nos últimos tempos, as publicações ilustradas adquiriram notável grau de perfeição. Citaremos duas das mais representativas em todo o mundo: «The Illustrated London News», fundada em 1842 por Roberto Ingram; e «L'Illustration», fundada no ano seguinte por Charton et Debouchet, V. Paulin e A. Joanne.

O aperfeiçoamento da fotografia, a possibilidade de reprodução das cores naturais pela tricromia, o emprego de processos novos, como a oco gravura e o «off-set», tornaram possível a publicação de grandes revistas ilustradas, de que a «Illustração» é em Portugal uma representante que dignifica a nossa indústria gráfica.

Festa de caridade

NO CENTRAL CINEMA

Na tarde de 7 de corrente realizou-se no Central Cinema, á Praça dos Restauradores, uma elegante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte:

D. Beatriz Toulon Lobo da Costa, D. Carlota Cordeiro da Silva Alvares Guerra, Condessa de Estarreja, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Izaura de Oliveira, D. Júlia Isabel Pinto de Almeida de Oliveira Massano, D. Luiza Maria de Oliveira Leça da Veiga, D. Maria Carlota de Noronha (Paraty), D. Maria das Dores Marques da Silva, D. Maria Emilia Freire, D. Maria da Glória Braga Paixão, D. Maria Helena Varela Cid, D. Maria Tereza de Figueiredo Negrão, Marquês de Funchal, D. Palmira Diogo da Silva de Somer, Viscondessa de Balsemão e Viscondessa de Sá da Bandeira.

NO SÃO LUIZ CINE

Linda tarde de cinema foi a de terça feira última no São Luiz Cine, gentilmente cedido pela empresa A. Ramos Limitada. Esta festa organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte:

D. Adelaide Temudo de Somer, D. Ana de Barros Lames, D. Ana d'Orey Quintela, D. Beatriz de Viveiros Henriques de Tavora da Silva Pereira, D. Berta Mauperrin dos Santos Castelbranco, D. Catarina de Sousa Coutinho (Linhares), D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, Condessa de Mendia, Condessa de Monte Real, Condessa de Valbom, Duquesa de Palmela, D. Laura de Avelar e Silva, D. Maria da Assunção Viana de Siqueira, D. Maria Benedita Oriol Pena, D. Maria Emilia Brandão Palha, D. Maria Luiza de Vilhena de Magalhães Coutinho da Camara, D. Maria da Piedade Lemos Macedo Santos, D. Maria Perestrelo d'Orey, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Tereza Lobo de Almeida de Melo e Castro de Vilhena, e D. Tereza de Melo Breynner Pinto da Cunha, cujo produto se destinava a favor das Oficinas de S. José benemérita instituição de caridade.

O aspecto do vasto salão do São Luiz Cine foi nessa tarde verdadeiramente encantador.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos tanto na parte financeira como na elegante.

Nas Belas Artes

No vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, realiza-se, como nos anos anteriores, nas tardes de domingo magro, domingo gordo, e terça feira do carnaval, as tradicionais festas infantis, de caridade, organizadas por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, as quais serão abrilhantadas por duas esplendidas orquestras «jazz-band», que tocarão alternadamente afim de que a dança seja continua. Haverá também danças por grupo de discípulas da distinta professora Senhora de Brion's, ensaiadas expressamente para essas festas. Isto na tarde de domingo magro, pois nas tardes de domingo gordo e terça feira de carnaval haverá concurso de crianças mascaradas, em que serão disputados artisticos prémios. Durante as três tardes haverá serviço «chá», a cargo de uma das melhores pastelarias da capital.

As festas infantis de caridade, dêste ano no «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes vão decerto marcar pela animação e elegância.

Recepções

Festejando o aniversário natalício de seu filho Tomaz, ofereceu a sr.^a D. Aurora Germana Pereira d' Eça de Albuquerque Leal, na sua elegante residência, á rua Vitor Cordon, um «chá» a várias pessoas das suas relações.

Além de animada conversação a ilustre poetisa sr.^a D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrio, recitou várias poésias da sua autoria, havendo também dança, que se prolongou até perto das vinte e uma horas, sempre num crescente entusiasmo.

VIDA ELEGANTE

Na assistência a esta elegante festa notavam-se as sr.^{as}

Marquês de Fontes Pereira de Melo, Condessa de Proença-a-Velha, Viscondessa de Sacavém, D. Cecília Carbonelli de Arenas de Lima, D. Honorina de Moraes Graça, D. Maria Madalena Trigueiro de Martel Patrio, D. Maria Ayres de Magalhães de Carvalho, D. Adelaide Pereira Bramão, D. Etelvina de Arenas de Lima Pereira d' Eça, D. Germana de Carvalho da Silva de Sequeira, D. Ana da Camara de Bragança, D. Maria das Dores Pereira d' Eça de Albuquerque Lobato, D. Maria Cristina Cabral da Silva Fernandes Tomaz, D. Maria da Conceição Pereira d' Eça Leal, Abecassis, D. Maria Eugénia de Melo e Castro da Costa Barros, D. Maria da Piedade Pereira d' Eça Lobato de Melo, D. Maria Angélica de Lacerda d' Eça Leal, D. Maria Emilia Cabral da Silva, D. Maria Arena de Lima de Lima Pereira d' Eça, D. Sofia Mac-Brid Fernandes, D. Tereza de Moraes Amado, D. Beatriz Carvalho da Silva, D. Isabel Maria de Lima Mayer Ayres de Magalhães, D. Maria Gabriela do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Sofia Ribeiro da Silva de Bragança (Lafões), D. Maria Ana Lobato de Melo, D. Maria Cristina Fontes Pereira de Melo, D. Maria Adozinha Pimenta e D. Maria das Dores Pereira d' Eça Lobato de Melo.

E os srs:

Marquês de Fontes Pereira de Melo, Conde de Penalva d' Alva, Conde de Castelo Branco, Visconde de Sacavém, D. António Pereira da Cunha, D. Alberto Bramão, Luis de Arenas de Lima, Lourenço do Casal Ribeiro de Carvalho, Dr. Mário de Aguiar, Dr. Pedroso de Lima, Eduardo Guedes (Fóz) Fernando Eduardo Pereira d' Eça e Albuquerque Leal, Artur Abecassis, João Calvet de Magalhães Cardoso, José Cândido Veloso, Frederico Guilherme Correia Leite d' Eça Leal, etc, etc.

Diplomatas

Na sua elegante residência da rua Rosa Araujo ofereceu o ilustre primeiro secretário da Embaixada do Brasil, em Portugal, e a senhora de Moreira de Abreu, um almoço, em honra de Monsenhor Tofini, o novo encarregado dos Negócios da Santa Sé e do Monsenhor Antoniutti, novo secretário da Nunciatura, o qual decorreu no meio da maior animação.

Foram convivas, além dos homenageados, os srs. Carlos de Sampaio Garrido e esposa, Vasco de Quevedo, esposa e filha, Nicolas Goyri e esposa, Almirante Augusto Ozori e Adolfo Vieira da Rosa.

— No salão de mesa do Aviz Hotel, ofereceu o sr. Dr. Cacirol da Mata, ilustre ministro dos Negócios Estrangeiros, um jantar em honra da Missão Espanhola que veio acompanhar o cadaver do Embaixador de Portugal em Madrid, sr. João Carlos de Melo Barreto, ao qual presidiu o ministro plenipotenciário sr. Luiz Barreto da Cruz, director do Protocolo, que tinha na sua frente, o sr. Ministro D. Francisco Ramirez Montesinos, encarregado dos Negócios de Espanha, tendo assistido os srs. Ministro D. Carlos de Miranda, o segundo introduzidor diplomático espanhol D. José Asensio, D. Carlos de Orense, D. Fernando de Villal-Urrutia, D. Manuel Bermudez de Castro, D. Jaime Arguelles, se-

cretário da legação, tenente coronel D. José Ungria, comandante D. António de Tapia, D. Fernando de Castro y Calsado, do Ministério do Estado, D. Nicolas de Goyri, adido á Embaixada de Espanha, em Portugal, Visconde de Riba Tamega, encarregado dos Negócios de Portugal em Madrid, capitão Lourenço, director da Polícia Internacional, coronel Pereira Lourenço, adido militar, junto da Embaixada de Portugal, em Madrid, Armando Fernandes Coelho, adido diplomático em Madrid, tenente Castro Silva, dr. João Monteiro de Mendonça, dr. Manuel Antas de Oliveira, dr. Carlos Pinto Ferreira, Marcos Fontes Pereira de Melo Fonseca, tenente coronel Augusto Esmeraldo Cavalhais e capitão Luiz de Santa Ana.

A festa decorreu muito animada, tendo-se trocado brindes afectuosos.

Casamentos

Pela sr.^a D. Agueda Gomes Egea, esposa do sr. dr. Jesus Egea y Oltra, foi pedida em casamento para seu filho António, a sr.^a D. Maria Teresa Sequeira Marcelino, gentil filha da sr.^a D. Maria Teresa de Sequeira Marcelino e do capitão sr. José Marcelino.

A cerimónia deverá realizar-se por todo o corrente ano.

— Realizou-se na paróquia de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Vaz de Macedo, interessante filha do general sr. João Teixeira Dória, com o distinto engenheiro sr. Luis da Silva Martinho, filho da sr.^a D. Ana Luísa da Conceição e Silva e do sr. Júlio António Martinho já falecido.

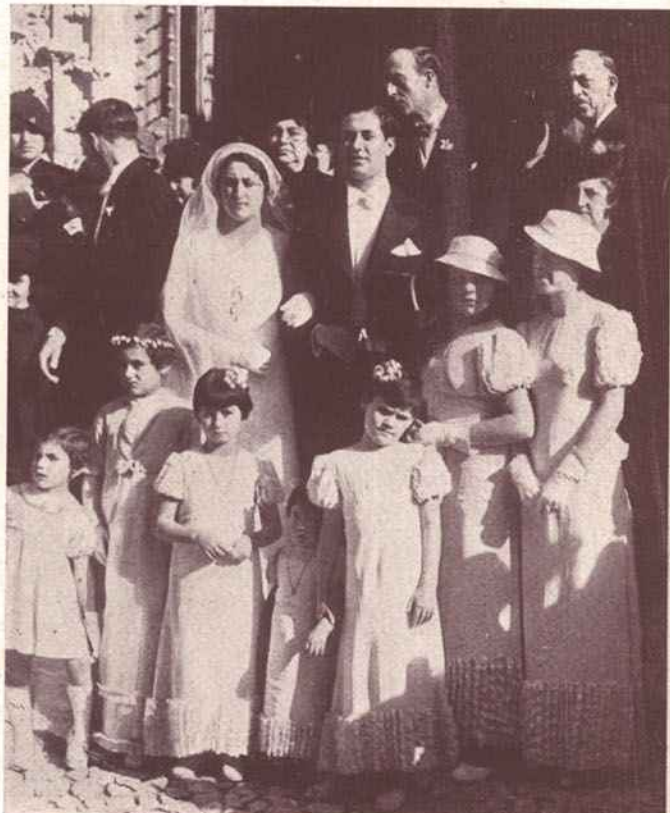
Foram madrinhas as sr.^{as} D. Ana de Moraes Alçada e Macedo e D. Helena da Silva Martinho, e padrinhos os srs. dr. António Vaz de Macedo e Carlos António da Silva Martinho.

Celebrou o acto o reverendo prior da freguesia monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência do pai da noiva um finissimo lanche da pastelaria «Aurea», seguindo os noivos depois para a Covilhã, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a D. Maria da Conceição São Boaventura Mayer com o sr. Fernando Mousinho Cabral Sacadura. Os noivos á saída da paróquia de Santa Maria de Belem, onde se celebrou a cerimonia religiosa

O que é feito das joias da infanta D. Eulália?



A infanta D. Eulália na sua juventude

A infanta D. Eulália, tia de Afonso XIII vai publicar as suas memórias que devem vir a lume por todo o mês próximo.

No dia do seu 71.º aniversário natalício — 12 de Fevereiro — revelou as suas intenções durante o banquete comemorativo. Esse livro de memórias util á História deveria ser publicado após a sua morte. Era essa, pelo menos, a sua intenção, mas, tendo sido publicados artigos poucos favoráveis na imprensa espanhola a propósito das suas joias, decidiu fazer as suas revelações que virão, em seu entender, restabelecer a verdade dos factos. As suas memórias compreenderão o período que fica entre as duas repúblicas espanholas, visto que toda a sua existência — a própria infanta o diz — está situada entre estas duas datas — 1874 e 1931.

Serão desvendados alguns mistérios e à luz que surgir poderão ser observados certos factos para os quais não havia explicação plausível.

No fim de contas, o pleito travado pela posse das decantadas jóias da infanta D. Eulália veio trazer alguma coisa de útil e interessante. Pelo menos, antecipou a publicação das memórias que, após a morte da autora, poderiam ser publicadas ou não, consoante a deliberação dos testamentários.

Poderia ter sido essa a disposição testamentária, mas talvez não conviesse por esta ou por aquela razão, e daí alguns cortes que mutilassem o sentido e ocultassem pontos escandalosos. Foi melhor assim. Mas em que consiste o pleito das jóias? Nisto simplesmente:

Um dos últimos retratos da infanta D. Eulália



A infanta D. Eulália reclama do governo espanhol as joias de que se diz legítima proprietária e que não sabe onde param.

Nas razões que alega, reforçando o seu direito, diz que, por ocasião da revolução republicana de 1931, tinha as suas joias no Palácio Real de Madrid, sob a guarda dos serviços do almozarifado. Forçada a partir precipitadamente como se calcula, esses valores para ali ficaram à mercê do que pudesse acontecer. Depois, fez-se um grande silêncio sobre o seu paradeiro.

Que teria sido feito delas?

A própria infanta D. Eulália elucida:

— “Quando menos o esperava, tive conhecimento, por intermédio de vá-

rias pessoas, de que as joias estiveram abandonadas durante alguns dias... Os ladrões não têm felizmente o condão de adivinhar!...

“Mais tarde, soube que Manuel Azaña, sendo chefe do governo, ordenou que as joias fôsem retiradas do Palácio Real e depositadas no Banco de Espanha. Depois... depois não soube mais nada...

“Nessa altura, dei procuração a um dos directores dum importante banco de Bilbao, para tratar do assunto e conseguir reaver o que era meu. Esperei confiadamente...

“Um belo dia, vieram dizer-me que esse banqueiro tomara o rumo da América sem me restituir, ao menos, a procuração que eu lhe confiara. A princípio, supus que, tendo-se apoderado das minhas joias, corresse ao Novo Mundo a negociá-las como melhor lhe parecesse. Mas, pensando melhor, reconheci que o meu procurador, sendo honestíssimo, não baixaria a cometer uma acção menos digna. Fiz-lhe justiça. Embora pessoas amigas tentassem insinuar que esse homem fugiu, levando-me as joias, fiquei sempre na dúvida.

“Mas, ainda não é tudo. Tendo desapparecido o primeiro procurador, dei plenos poderes a outro para tratar dos meus interesses. Este, quando se dirigiu ao Banco de Espanha, a fim de tratar do assunto obteve esta resposta formal e categórica:

— “Não sabemos onde se encontram as joias!”

“Isto sossegou-me. Se o Banco tivesse feito entrega das minhas joias ao primeiro procurador que lhe enviei, limitar-se-ia a responder com a nota de saída que lá devia figurar. Se nada sabia, ou, pelo menos, não estava na disposição de dar quaisquer esclarecimentos, é porque as minhas joias ainda se encontravam em depósito, e, pela visto, o governo não estava resolvido a desapossar-se delas.

“Se eu pudesse ir a Espanha — prossegue a Infanta D. Eulália — trataria pessoalmente do assunto, e alguma solução havia de encontrar. Mas infelizmente, nem eu nem os meus filhos, podemos entrar na nossa Pátria. Pensei em nomear um advogado que defendesse os meus legítimos interesses, mas sei lá o que viria a suceder. Houve quem me dissesse que a intromissão dum causídico poderia custar-me o pouco dinheiro que ainda me resta, e até ainda as próprias joias... Isto de justiça...

“Quando voltarei a ter as minhas queridas joias, que são, na sua maior parte, presentes de noivado? Não olho já ao seu valor que atinge alguns milhões de pesetas. E' que cada uma dessas joias constitui para mim uma saudosa recordação...”

Isto diz a infanta D. Eulália, na esperança de que lhe restituam os seus haveres que já considerava perdidos.

O atletismo português de inverno, actualmente em franca actividade pelas suas manifestações de corrida pelo campo, deu-nos já algumas provas de interessante propaganda e revela-se sobretudo animador pelo elevado número de novos praticantes cuja classe tem valorizado as competições já realizadas.

O "cross-country", designação universalmente adoptada para este género de corridas, não conseguiu nunca atingir, em Portugal, a popularidade que noutros países o caracteriza; levando mesmo em conta o grau de desenvolvimento rudimentar do nosso atletismo, o "cross" português fica ainda aquém do que deveria ser.

Os progressos de divulgação da especialidade podem considerar-se nulos em vinte e quatro anos de prática, pois o número médio de concorrentes às provas actuais vai de trinta a trinta e cinco, e no primeiro "cross", organizado em Portugal, no dia 7 de Maio de 1911, alinhamos 48 corredores.

No entanto, em Abril de 1932, "Os Sports" organizou um "cross", popular ao qual compareceram 359 candidatos. Parece, assim, que não falta quem aprecie as provas através campo e que a escassez de participantes nas corridas oficiais deve ser atribuída a outro motivo.

Se, efectivamente, a falange dos praticantes da salutar e interessante corrida através campo não tem aumentado na razão directa dos progressos da actividade desportiva, isso deve-se apenas à relutância das colectividades em ingressar nos organismos dirigentes legalmente constituídos.

Na Associação de Atletismo de Lisboa estão filiadas apenas doze agremiações das quais unicamente cinco têm representantes seus nas provas de "cross", da época que decorre. Nestas circunstâncias, a tarefa dos dirigentes apresenta-se nas

piores condições práticas para alcançar resultados apreciáveis, pois escapam à sua orientação muitos possíveis praticantes.

A nossa triste penúria traz-nos ao pensamento o confronto com o que passa, por exemplo, em França, onde a jornada de "cross" organizada pelo diário "L'Auto", reuniu em Vincennes cerca de dois mil corredores de todas as categorias e idades. O espectáculo magnífico da abalada dessa multidão policroma, os episódios da luta, o dinamismo geral aliado ao pitoresco do ambiente, atraem sempre um público entusiasta que, embora não participando da acção, pratica também um pouco de desporto, deslocando-se dum para outro ponto do percurso no desejo de melhor observar as fases da corrida.

Nestas manhãs de inverno lusitano, em que o sol doirado tempera e ameniza a aspereza da aragem fresca, não pode haver mais agradável passeio do que acompanhar, em pleno campo, as evoluções dos corredores disputando um "cross". Arranja-se boa disposição para o resto do dia, e excelente apetite para o almoço.

Sob o ponto de vista técnico, as provas deste ano tem-nos dado competições equilibradas, que o ardor e entusiasmo dos atletas novos têm contribuído a animar. Adelino Tavares afirmou-se até agora o melhor; a baixa de forma denunciada por Manuel Dias, batido sem apêlo, nas duas provas que disputou, elevou-o automaticamente ao primeiro lugar, ainda que a sua forma de momento esteja longe de ser a óptima.

Entre o grupo dos especialistas já classificados, Angelino Pinho, António Fonseca, João Miguel, António Figueiredo, têm dado boa conta de si, mas a grande revelação da época é a de Joaquim Correia, que já no ano passado deixara antever boa classe.

Amadeu Silva, Mário Calheiros, Ludovico

QUINZENAS DESPORTIVAS

Correia, Josefino Nunes, Miguel Diogo, completam a falange dos rapazes com quem se pode contar para futuro, se o meio os não estragar e seguirem preparação conveniente.

Quando poderemos constituir uma equipa representativa digna de alinhar na grande competição europeia, onde os nossos vizinhos espanhóis conquistaram já direito de entrada? Não seria coisa difícil se todos, dirigentes e atletas, quisessem trabalhar nesse sentido.

De 1 a 16 de Agosto de 1936 disputar-se-ão em Berlim os jogos da XI Olimpíada Moderna, aos quais o Comité Alemão está dispensando a mais larga propaganda, cuidando a tempo antecipado dos mínimos pormenores, de forma a assegurar à grande competição um êxito equiparável ou excedendo os precedentes.

O sino escolhido para emblema pelos organizadores, com seu dístico "Ich rufe die Jugend der Welt" — eu chamo pela mocidade de todo o Mundo — começou realmente a espalhar pelo universo os seus clamores de apêlo, escutados e atendidos já por quarenta e sete nações de todos os continentes.

Portugal enviou aos organizadores a certeza da presença dos seus representantes; o Comité Olímpico Português traçou assim, com tempo bastante, a directriz das suas responsabilidades e não poderá haver, mais tarde desculpas de precipitação.

O problema olimpico português é bastante difícil de resolver por falta de material desportivo de classe suficiente, e completamente insolúvel se não reunir todas as colaborações indispensáveis. Isolada, nenhuma entidade por maior que seja o seu esforço, conseguirá levar a bom termo o encargo.

O trabalho de preparação olimpica pertence exclusivamente às federações nacionais, únicas com competência técnica para orientar o treino e o aperfeiçoamento dos melhores elementos; neste campo, o papel do Comité Olímpico é secundário, competindo-lhe facilitar a acção das entidades dirigentes desportivas, subsidiando-as e auxiliando-as nas suas iniciativas, dentro da medida dos seus recursos financeiros.

Felizmente tudo parece conciliar-se para que a representação portuguesa em Berlim exceda em número e qualidade geral as anteriores embaixadas olimpicas. O activo presidente do C. O. P., dr. José Pontes, manifestou em entrevistas concedidas a "Stadium" e a "Os Sports" a sua confiança no êxito da missão, dando a entender a probabilidade dum apoio efectivo e prático dos Poderes Públicos. Que a estes possa

servir de animador o exemplo do governo alemão que assumiu antecipadamente toda a responsabilidade económica dos Jogos, incitando a uma organização majestosa, para honra do povo e glória do país.

Berlim possuía no parque de Grünwald, um excelente Estádio, cujos fundamentos foram aproveitados para edificação da arena olimpica. No entanto a maior parte do existente foi demolida para sobre ela erguer uma construção mais ampla e mais moderna.

Todo o vasto terreno circundando o estádio, fica reservado a um esplêndido parque desportivo, onde todas as modalidades encontrarão local apropriado à sua prática.

O estádio poderá conter cem mil espectadores, e em sua volta dispor-se-ão: uma piscina, um velodromo, cortes de tennis, campos de jogos, ginásio, arenas de luta, etc.

Para os três mil atletas de todo o mundo que devem afluír a Berlim em Agosto do ano próximo, construiu o Comité Alemão uma aldeia olimpica com todas as comodidades e requisitos.

As casas de habitação, de um só andar, comportarão, cada uma, dez a doze quartos para dois atletas, as correspondentes casas de banho, salão de repouso, etc.

No centro do recinto encontra-se o economato, com quarenta cozinhas e refeitórios, lavanderia, administração e abrigos para automóveis.

O espírito de previsão germânico foi tão longe, que se encontram já à venda os bilhetes de assinatura para as várias organizações olimpicas, garantindo assim, com ano e meio de antecedência, o lugar a qualquer espectador que venha do mais longínquo recanto do mundo.

A popularidade universal do football estendeu a sua prática a todas as camadas sociais e não é, para ninguém, motivo de pasmo que qualquer grande da terra te-



na, na sua mocidade cultivado o jogo da bola redonda. Mais para admirar, e



Adelino Tavares menos do conhecimento público, é que já há trezentos anos um jogo de idên-



O imponente pelotão dos participantes no "cross" organizado em Paris pelo jornal "L'Auto"

Salazar Correira.

Num percurso acidentado e pitoresco, o ex-cavaleiro português disputa a victoria num das "crosses" mais características, o "cálcio" ou "gioco del pallone", tinha conhecido na Italia tal entusiasmo que até

três papas o praticaram na sua juventude. Assim o certifica um curioso manuscrito referindo-se a Leão X, Clemente VII e Urbano VIII que foram papas respectivamente em 1513, 1523 e 1623.

Leão X já era cardinal há cinco anos quando na primavera de 1495, disputou em Florença, na Praça de Santa Cruz, um encontro famoso no qual fez triunfar as cores florentinas. No final do jogo o entusiasmo do povo foi tal que Giovanni de Medecis, o futuro Leão X, foi levado em triunfo pelas ruas da cidade.

A capital de Toscana estava ainda reservada a hora de possuir, no espaço dum século, dois outros jogadores destinados a ocupar a cadeira de S. Pedro.

Júlio de Medecis, o segundo destes homens, descendente da mesma illustre família do anterior, era apreciado pela sua energia e audácia, e um dos favoritos populares da sua época. Chefiando o grupo da cidade alcançou algumas vitórias que deram brado, distinguindo-se tanto pela sua acção pessoal como pela boa orientação que imprimia ao grupo dos seus companheiros.

Se estes campeões de nobre estirpe tinham de quem herdar virtudes físicas, Maffeo Barberini era pelo contrário, um desconhecido. Filho dum juiz e sobrinho dum poeta, não possuía nos ascendentes da família qualquer praticante desportista, sendo na aparência um rapaz delgado e pouco robusto.

O futuro Urbano VIII foi acolhido com manifesta hostilidade pela opinião geral quando pôs a sua candidatura para capitanear o grupo da cidade e a sua presença no campo de jogo motivou de início protestos ruidosos. Mas à medida que o tempo passava Maffeo Barberini mostrou-se igual aos melhores e alcançou um grande êxito.

TIPOS LISBOETAS

Uma figura do Chiado

A celebridade não escolhe classes, nem competências. Inteligências e habilidades, caracteres honestos e deshonestos, tudo lhe serve para a sua rubrica, tudo lhe convém para marcar os seus eleitos. É de fácil guloseima — Sua Excelência, a Fama.

Tem bom estômago e tudo digere, sem muito trabalho.

Nos seus salões, acotovelam-se os homens de bem, os sábios e péritos em tôdas as ciências da vida, inclusivamente na ciência de saber meter a mão na algibeira do próximo com agilidade, arrôjo e elegância.

Por lá encontramos os Al Capones, os Mussolinis, os Hitlers, os Staviskys, os Curies, os "Charlots", numa confusão que até nos agonia.

Por isso, precisamos ter cuidado na escolha dos nossos homens, para os inscrevermos na agenda da nossa estima e da nossa admiração.

E várias vezes escolhemos aqueles que a fama menos acarinha e que são, não raro, os de mais valor moral, embora sob um aspecto modesto e recatado.



Fui-me hoje ao arquivo da tal senhora e trouxe de lá uma figura do Chiado, uma autêntica ilustração, um bem significativo cartaz da mais discutida e mais freqüentada artéria desta linda Lisboa, sempre querida, mesmo nos seus momentos de mau humor.

Ali em frente da Bertrand que é um centro onde se servem as mais saborosas iguarias espirituais, em fatias substanciais recheadas da bela prosa de Júlio Dantaş, Samuel Maia, Aquilino e Antero de Figueiredo — os *big four* da literatura nacional — ali mesmo, vis-à-vis, se abre a Pastelaria Marques, que conforta os corpos, como a Bertrand retempera as almas.

Por ali passaram, nos seus trinta e tal anos de vida, os nomes mais representativos das letras, da ciência, das artes, da política, da aristocracia, e logo os mais fulgurantes expoentes da democracia.

Porque o Marques, o patrão da casa, sem preocupações políticas, todos acolhia com igual atenção, a todos ofertava o mesmo sorriso amável e reconhecido.

Já vêem que me refiro ao bom Manuel Marques no passado, e isso não lhes causará estranheza, porque já sabem de certo que o Marques já não é deste



mundo, que se foi para paragens mais tranquilas, onde não entra a inveja e onde se faz justiça, sem recomendações nem preferências.



Este homem, de tanto relêvo na indústria pasteleira cá da terra, bem merece umas palavras sentidas e justas na cauda do seu entêrro, aqui nesta *Ilustração* que êle tanto apreciava e que foi a sua distração preferida, até à sua última hora de vida.

Aqui está uma creatura cuja existência foi uma luta permanente com a sorte, uma luta em que empregou uma única arma — o trabalho.

Mas um trabalho bem organizado, guiado por uma fôrça de vontade tenaz e formidável de criteriosa orientação.

Apareceu em Lisboa, vindo da sua triola de província, com os seus escassos dôze anos, e na cachimónia a idéa fígada de ser "alguém".

E foi "alguém", êsse miudo cabeçudo e inteligente, que depois de muito labutar conseguiu ser patrão dum dos mais estimados estabelecimentos da capital alfacinha.



Coitadito! Bom trabalho lhe custou. Esteve vinte anos na Pastelaria Ferrari onde depois de andar alguns anitos a calcurriar Lisboa, de tabuleiro de pasteis à cabeça para adoçar alguns mandriões endinheirados, chegou a ser o empregado de confiança, o braço direito do dono da casa.

A seguir, espicaçado pela ambição de subir, sentimento muito natural e de louvar até em creaturas que dispendem suas energias em proveito alheio, a seguir a esta esforçada batalha, o

Marques inaugurou a sua casa, ajudado primeiro por um sócio capitalista, e a breve trecho ficando sósinho a timonar o seu barco.



Que exemplo de trabalho e de honestidade de processos, a vida dêste homem!

Os que vêm dêsse tempo sabem bem o que lhes custou a vencer.

Hoje atropêla-se tôda a gente que está no seu lugar com direitos adquiridos, para se chegar mais depressa.

Já não há escalas. Agora é só vôo directo. Aprendizagem já não se usa. Por isso há tão poucos patrões que saibam mandar.

O Marques — como todos o tratavam — não se limitava a estar ao balcão, a dirigir o serviço da venda.

la às mesas inquirir do que faltava, do que mais agradaria ao freguez e todos os freqüentadores, desde o senhor ministro ao pobre burocrata, todos lhe apertavam a mão honrada — essa mão enobrecida por um trabalho probo e simpático.



Êle via tudo, nada lhe escapava — um papelucho no chão, uma toalha fora do seu lugar, uma porta mal fechada.

Pobre Marques! Já não mais veremos a sua linda cabeça branca, o seu rosto rosado como o dum anjinho de procissão, e nunca mais ouviremos a sua voz amiga, sempre amiga mesmo quando censurava aos empregados um descuido, uma falta de cuidado involuntária: — "Ponha um sabonete no lavatório. Você não ouviu aquele senhor?"

Na sua modéstia, cheia de aprumo e dignidade, soube criar amigos em quantos com êle conviveram. O seu trato era tão afável para os que dêle dependiam, como para os clientes que lhe davam a sua preferência. E essa estima geral era a sua recompensa, o seu galardão.

Pobre Marques! Bom e saudável amigo. Não te ficaram só no mundo, a chorar-te, a tua santa mulher, o teu filho querido.

Ficaram, também, saudosos de ti, todos aqueles que como eu souberam apreciar a tua grande alma, mais doce do que todos os folhados e cremes com que lambusáste Lisboa inteira!

Mercedes Blasco.

HÁ setenta e cinco anos — fê-los em 8 de Fevereiro — morreu no Porto o grande poeta Soares de Passos, após uma longa e lenta agonia de 34 anos de existência. É que o saudoso autor do "Noivado do Sepulcro", nasceu com os sintomas da doença fatal que o havia de acompanhar à sepultura.

Nasceu sob uma estrêla fatídica. Da sua casa da Praça Nova observou as cenas patibulares dos dias 7 de Maio e 9 de Outubro de 1829. Assistiu ao espectáculo desolador da guerra durante o cerco da Cidade Invicta, e a todos os horrores que se seguiram.

Depois, surgiram dias melhores. Pelo menos, tudo o fazia crêr. Tendo concluído aos catorze anos — e sempre com o elogio dos seus mestres — os estudos no colégio do Corpo da Guarda, seu pai, aferrado à vida comercial, transformou-o em guarda livros da sua casa.

Era tarde já. Soares de Passos ganhara amor às letras e não se dava com as colunas severas do *Deve* e *Haver* do livro caixa. Fazia versos e estudava os seus poetas mais queridos. Também não queria outras distrações, apesar de estar na idade em que tôdas as leviandades são permitidas. Amar alguém seria o ideal para a sua alma, mas não para o seu corpo enfermiço e insexuado.

Sentia-o e lamentava-se nestes termos:

*O amor, o amor, celestial perfume,
que a mão dos anjos sobre nós verteu,
doce mistério que num só resume
dois pensamentos aspirando ao ceu!*

*O amor, o amor, não mentiroso incenso
que em frios lábios só no mundo achei,
mas imutável, mas sublime e imenso,
qual em meus sonhos juvenis sonhei...*

Esse amor — pobre poeta! — nunca o encontrou nem o poderia encontrar! O desventurado Millevoye portuense deveria ter penetrado nos mistérios que perverteram e galvanizaram génios como Baudelaire e Richépin e então teria compreendido que o tal amor ideal nunca existiu e tudo se resumia numa rápida embriaguês dos sentidos. Se tivesse estudado o bom Epicuro verificaria que "a obrigação de todo o mortal consistia em gosar os prazeres fortuitos que a vida lhe concede", embora não saísse do preceito sócrático que não permite prejudicar o seu semelhante.

Mas Soares de Passos era um doente, e, desde que começara a entender-se, não sentia outra atracção que não fôsse a da sepultura.

A sua inspiração dava-se bem no cemitério. A morte era a sua musa. O "Noivado do sepulcro", dá bem a ideia da sua obcecação constante. Na "Rosa branca" descreve a agonia do tísico martirizado pela dor. No "Filho morto" aparece-nos a mãe dolorosa aconchegando ao seio o pequenino cadáver em cujos lábios frios ainda espera vêr despontar um sorriso. Na "Infância e morte", surge-nos uma criança tentando acordar a mãe na sua sepultura. No "Amor e eternidade", é o poeta que leva ao cemitério a virgem que idolatra, e lhe aponta as sepulturas de

dois amantes que dormiam, um junto do outro, anelando que assim, um dia, êle e ela, reunissem também os seus amores na quietude do campo dos ciprestes. Na "Mai e a filha", o poeta eleva-se com tôda a sua inspiração. A pobre mãe, que-

O poeta que morreu virgem

rendo iludir-se, ou mal sonhando o próximo fim da filha agonizante, aponta-lhe para o sol que nasce radioso e cheio de esperança.

Soares de Passos era assim. Morreu com trinta e quatro anos, e nunca teve mocidade. Nasceu velho e desiludido. E tinha de ser assim — acreditem.

Por vezes, revolta-se e blasfema. Não encontrando no mundo nada que lhe faça



A. Soares de Passos

amar a vida, adivinha o seu fim, e grita aterrado:

*«Aqui, de dor um pèlago profundo;
além, os vermes da feral jazida;
Senhor, Senhor, porque vim eu ao mundo?
Porque do nada me chamáste à vida?»*

Pobre sonhador!

O grande Passos Manuel, dando os pêsames ao pai do poeta, de quem era amigo, dizia-lhe numa carta enviada de Santarém:

"Um dos grandes sentimentos que tenho é de não ter abraçado na vida êsse glorioso filho que V. S.^a perdeu, e com tanta razão pranteia. O jovem poeta era o primeiro, o maior, o mais ilustre de todos os poetas da nova geração.

"A virtude! ninguém a amou mais do que êle.

"A liberdade! êle, entre os poetas, foi o que melhor a soube conhecer, amar e cantar.

"O futuro! revelou-lho Deus na "Visão do Resgate".

"Espírito celeste, Deus o chamou à sua única Pátria. A terra não o merecia.

"Mas não falemos dos imortais..."

Por sua vez, Camilo Castelo Branco, no seu livro "Esboços de apreciações iiterárias", nega que a morte de Soares de Passos fôsse uma perda grave para as letras porque para elas tinha êle morrido

já quando desceu ao sepulcro. Salienta que o que vivia nêle a vida imortal do génio era um livro de versos — o melhor sentir do poeta. O que se perdeu o que

era? O coração, a urna onde êle queimava os seus incensos.

Júlio Diniz exprimiu-se assim:

"Admirei Soares de Passos durante a vida; como poeta no seu livro; como homem nas sempre lembradas noites em que entre poucos mas escolhidos amigos, viamos na sua casa correrem as horas como instantes, e passarem as longas noites de inverno como um sonho delicioso e aprazível. Foi então que podemos apreciar a pureza daquêle carácter, aquela rigidez de princípios que, nesta época de indiferentismo e egoísta especulação, causava assombro a quantos o tratavam."

Eduardo Augusto Falcão, seu amigo íntimo, retratava-o desta maneira:

"Acanhado diante de estranhos e conhecidos; simples e modestíssimo na conversa e discussão com os amigos íntimos; sereno, duma imaginação vigorosa, mas dominado pela crítica sã; pensando profundamente as questões, possuído, acima de tudo, duma triste, calada e insaciável aspiração, a tudo quanto dizia respeito aos grandes problemas do homem e da humanidade."

Hoje, quem fôr ao Porto, e visitar o cemitério da Lapa, ha de encontrar o jazigo do poeta ladeado de ciprestes, acácias, martírios e rosas brancas que êle tanto amava. O epitáfio é formado por estes versos do "Amor e Eternidade":

*«Aqui cinzas escuras;
Sem vida, sem vigor, jazem agora,
Mas êsse amor que as animou outrora
A regiões mais puras.*

*Não, a chama que o peito ao peito envia
Não morre extinta no funério gèlo.
O coração é imenso: a campa fria
É pequena de mais para contê-lo.*

Não se avalie o poeta pelas suas composições mais em voga. Se houve já quem lhe chamasse piègas!

Não. Soares de Passos teve lampejos de revoltado como Guilherme Braga. E' êle que nos diz:

*«Mas quem sabe da morte? o ouvido atento
no silêncio das campas nada escuta;
e Sócrates não diz se um novo alento
achou, bebendo a gélida cicuta».*

Ali jaz o poeta. Não o despertemos. Quem sabe o que se passa além da campa? Depois, se êle deixou escrito:

*«Dos homens, ai quem me dera
longe, bem longe viver!»*

devemos afastar-nos religiosamente, pois foi esta a sua última vontade.



dade! Isto diz uma das nossas melhores revistas católicas e eu transcrevo as suas palavras, porque tenho a impressão que esta preparação que a Igreja tão bem exige, não é a que levam a maioria dos que se casam. Não falo daqueles que apenas se registam, como a lei exige, mas também aqueles que dizendo-se católicos se casam na Igreja, contraindo assim um sacramento indissolúvel para o qual não são sempre compreendidos do que vão fazer.

Felizmente ainda há excepções e muitos rapazes e raparigas casam na intenção pura de criar um lar, fundar uma família e fazem-no porque além do amor, sentem um pelo outro uma profunda estima que lhes faz ver que unindo-se poderão ser felizes, criar uma família feliz, ou que pelo menos o vão fazer com a intenção de cumprir conscientemente os seus deveres para com Deus e para com os homens.

Mas há muito quem se case apenas por uma atração de momento, éle porque é a única maneira de a fazer sua, ela para ter a liberdade de mulher casada, subtrair-se à autoridade paterna, aliás hoje em dia tão fraca e que tão pouco se faz sentir.

Casam na ideia preconcebida de no caso de se não darem bem divorciarem-se e no entanto como é mais elegante casar na

Igreja, mais "chic", a cerimónia, ajoelham aos pés do altar, éla elegantemente vestida de branco, éle de casaca, começando a sua vida por um acto de hipocrisia e quasi sacrilegio, porque bem no fundo das suas almas têm o propósito de não respeitar um sacramento que fingem acatar.

Este estado de coisas é patente a todos os olhos e é bem frequente passados dois anos, encontrarmos, cada um para seu lado noivos, que vimos casar na Igreja com o ar compenetrado, de quem contra o santo sacramento de matrimónio para toda a vida.

A todas as mães cumpre educar os seus filhos preparando-os, tanto raparigas como rapazes, para o casamento, fim natural da sua vida.

Mas sobretudo as mães cristãs que não admitiriam que seus filhos casassem sem ser na Igreja têm uma muito maior responsabilidade, e não devem afastar de si esse encargo com o egoístico pensamento de que é muito possível que elles não casem.

A sua obrigação é mostrar-lhes todos os seus deveres tanto a rapazes como a raparigas e fazer-lhes compreender que o casamento é um dos actos mais sérios da vida em que se contraem deveres para com Deus, para com a sociedade, para com a família e para com a humanidade.

É preciso acabar com uma sociedade que parece uma sociedade de Hollywood, que não toma a sério as graves responsabilidades da vida e em que apenas se respitam caprichos de momento, sem atender a nada de que é sério e respeitável na vida.

PÁGINAS FEMININAS

O casamento é indispensável na sociedade, a família é a sua maior coluna de amparo e a sociedade tem o direito de exigir que se acabe com a inconsciência que tem triunfado nestes últimos anos.

Maria de Eça.

A Moda

APESAR DO frio que ainda faz e que ainda por temporadas nos visitará, importunando-nos com os mil tormentos que nos inflige, a moda apresenta já os seus primeiros modelos de meia estação.

Estes vestidos de meia estação não excluem ainda as peles que tão necessárias nos são ainda por algum tempo. Um dos modelos é uma linda fazenda de lã um pouco «granité» dum tom «beige» claro. A forma do vestido é muito original porque sem se poder chamar um «tailleur» apresenta a novidade de ter a saia separada do corpo, o que é muito práctico, porque pode assim ser usada com blusas. O corpo muito gracioso tem uma aba em teclas que enfeita sem engrossar as ancas. É guarnecido com um cinto feito com um corão em veludo castanho e laços do mesmo tecido guarnecem a frente do vestido. Uma linda raposa castanha completa a «toilette» assim como um gracioso chapéu em pelica castanha, novidade muito apreciada desta estação.



luvas «beige» guarnecidas a veludo castanho. Para mais simples saia e casaco «trois-quarts» numa fazenda forte mais macia, de lã, guarnecido com uma gola em lontra castanha. Numerosas algebeiras dão-lhe um gracioso aspecto de vestido de desporto. Um largo cinto com um fecho muito simples acentua o aspecto ligeiro desta «toilette», chapéu na mesma fazenda do vestido com uma guarnição em froco da cor da gola. Prática e simples é acompanhada de luvas de pelica sem guarnição e duma carteira em couro.

A «toilette» de noiva, sonho de todas as raparigas, não pode estar muito tempo sem fazer a sua aparição nesta página, onde só há o desejo de agradar à mulher de todas as idades. Mas a juventude tem sempre o privilégio de conquistar em toda a parte o primeiro lugar, e não se pode pôr de parte a «toilette», que há de ser vestida no dia mais grave na vida duma mulher

pó de arroz e a cutin readquire o maior brilho dando a impressão da maior frescura.

Receitas de cosinha

Bolo de numeradas: 9 colheres de açúcar, 9 colheres de farinha de trigo, 3 colheres de sopa, de manteiga, 2 ovos, 1 colher de café de fermento inglês, meia chavena de leite.

Batem-se primeiro em castelo as duas claras, depois as gemas às quais se junta em seguida o açúcar, batido com a manteiga, deita-se a farinha e o fermento inglês. Torna-se a bater tudo com força. Barra-se bem uma forma redonda e põe-se o bolo a coser em forno regular, cobrindo a forma com um papel barrado de manteiga. Desenfuma-se e deixa-se esfriar. Corta-se atravessado em três partes iguais. Faz-se com um litro de leite, uma colher de farinha Maizena, algum açúcar, baunilha, chocolate, duas gemas de ovo, um creme bem espesso e barra-se com éle a falta de baixo, pela parte superior; a segunda da mesma forma, colocando por fim a última como tampa e cobrindo depois o bolo com o creme.

Faz-se então com as claras batidas em neve, açúcar em pó e umas gotas de cognac, um «glacé» para enfeitar por cima. Guarnecem-se o bolo ao gosto de cada um, ficando muito bonito guarnecido a «pralinés».

De mulher para mulher

Borboleta: É sempre bonita uma festa «costumê» no Carnaval. E sendo organizada como diz por um grupo de alegres raparigas, deve dar um belo resultado.

Não sei o que aconselhar-lhe para o seu «travesti» porque me não dá a mais pequena indicação do seu físico, o que tem imensa importância num traje desse género. Não podemos imaginar uma senhora alta vestida de «soubrette». Procure num figurino e escolha o que for mais adequado à sua figura.

Loira: Para uma loira de 30 anos está indicado o vestido de veludo preto, que dá um realce enorme, às senhoras loiras e brancas. Demos há dois números um lindo modelo. Para o baile de cabeça polvilhe o seu cabelo de pó doirado e coloque no penteado um «paradis» ou uma pluma.

Mãe preocupada: Não se preocupe com isso há imensas crianças que aos dois anos apenas balbuciam algumas palavras. O que é raro é falar como a sua sobrinha. Enquanto a mascarar o pequenito, acho que não deve pensar nisso. É muito pequenito e isso é um tormento para as crianças que não se divertem nada, e são matizadas durante o tempo do Carnaval, chegado a inspirar compaixão.

As casas

A curiosa dança social, que se chamou a «crie do alojamento» e que durou tanto tempo vai-se atenuando, até mesmo em Paris. Acham-se facilmente casas e os preços baixaram. Os escritos reaparecem e a geração de antes da guerra, torna a vê-los como uma querida lembrança de tempos passados.

Há porém «sentimentais» que lamentam tenha passado a crise. Tinha uma coisa boa; ensinava a estabilidade. Con-



trangia a viver muito tempo na mesma habitação. Eram numerosos os parisienses, como os lisboetas de antes da guerra, que se mudavam de três em três anos, pelos mais fúteis motivos, apenas para mudar de paredes. E toda a sua existência se passava de casa em casa.

A maior alegria que tinham hoje, tinha sido um primeiro anlar da rua Lafayette, o maior desgosto no bairro latino. Tinha casado em Santa Clotilde, o primeiro filho tinha sido baptizado na Madalena. Os pais tinham morrido em Berry, os filhos viviam em Montmartre.

O sentimental acrescenta que é para lamentar a gente que a nada se dedica e que nada retém. A célula social é a família, mas o centro da célula é o lar, a velha casa, onde morreu o pai, onde nasceram os filhos.

Decerto que o palácio e o castelo são o privilégio duma classe, mas também a simples, a modesta habitação do pobre, pode ser o querido lar doméstico. Basta viver nele muito tempo, amá-lo e amontoar nele as recordações.

Os meios rápidos de transporte contribuíram para anular o gosto da estabilidade e o amor da casa. Já não se desejam as férias para a reunião na velha casa paterna.

Não a acusam de ser velha, mas dá ser sempre a mesma. Assim nasceu a moda, das águas, das praias ou da montanha. E contudo a casa que parece sempre à mesma nunca é egual.

A árvore alarga a sua sombra todas as primavera, e todos os dias a pedra muda um pouco, cresce ao sol, cintilam a sombra. Quem sabe ficar onde está e contemplar à sua volta as transformações das coisas, tem bem mais profundo o sentimento do novo e da evolução, do que quem passeia a sua inquietude pelo mundo.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguiet (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Moonsilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa

A «TERTÚLIA EDÍPICA» E O SR. «A. BRUNO»

Além de outros, chegou até nós, não sabemos bem com que propósito, *O Distrito*, bi-semanário independente, que se publica em Ponta Delgada, no qual o sr. «A. Bruno», na secção respectiva, continua teimosamente o seu extemporâneo e cerrado libelo ao Regulamento da T. E.

Pôsto que apenas nos interessam as campanhas ou polémicas com carácter absolutamente charadístico — e porque não dispomos de espaço e tempo bastante para nos ocuparmos de todos os assuntos que com o charadismo se relacionam — não queremos, porém, perder a oportunidade que nos oferece a visita de *O Distrito* de dizer ao sr. «A. Bruno» que achamos muito, muitíssimo mesmo, extraordinário e estranho que só passados alguns anos após a aprovação, publicação e adopção do referido regulamento conseguisse descobrir as hipotéticas deficiências, os imaginários erros, lapsos, incorrecções, defeitos, etc., de que é enferma, na sua douta opinião, e que serviram de base à sua campanha — que carece de fundamento poderá elevar e dignificar o charadismo.

Porque se conservou tanto tempo silencioso, se nos podia dizer e ensinar coisas tão bonitas?... Porque só agora acordou Mestre Bruno?

Qual foi o despertador mágico que interrompeu o seu sono... ou o seu pesadelo?

E' isso um mistério que não desvendamos e que é, parece, ainda não se dignou explicar... Tem razão o sr. «A. Bruno»?

Talvez tenha, sim, mas para estar calado, visto que não falou quando o seu talento, o seu génio e o seu saber — que todos ignorávamos — poderiam servir para alguma coisa...

APURAMENTOS

N.º 19

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MAGALA

N.º 12

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILENO

N.º 16

OUTRAS DISTINÇÕES

Ignotus Sum, n.º 15 — Jobema, n.º 4 — Veiga, n.º 8

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 18 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso, So-Na-Fer.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 17 — Sonhador, 14 — João Tavares Pereira, 12 — Lamas & Silva, 12.

OUTROS DECIFRADORES

Lisbon Syl, 8

DECIFRAÇÕES

1 — Sanja, 2 — Tragamoiros, 3 — Cistofora, 4 — Fachudo-fado, 5 — Lumiar-luar, 6 — Susten-

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 28

to-susto, 7 — Astaco-asco, 8 — Amara-ara, 9 — Lobeiro-loro, 10 — Marca, parca, manca, Maria, marco, 11 — Guiado, 12 — Levado, 13 — Bumba-meu-boi, 14 — Liame, 15 — Desporte, 16 — Sóbole, 17 — Mil-homens, 18 — Ao derradeiro morde o cão.

MEFISTOFÉLICAS EM PROSA

1) Descobri uma mina de riqueza! Até parecia uma onda de dinheiro, lá no meu subúrbio. (2-2) 3.

Coimbra Gisita (C. C. C.)

2) A «ave» que estava cozida no «vaso» foi comida na embarcação ligeira. (2-2) 3.

Coimbra John Biff (C. C. C.)

NOVÍSSIMAS EM PROSA

3) Estou na peijada duma «nota» que tem b-sôfia. 2-1.

Coimbra Avlis Yur (C. C. C.)

4) O caminho do bem, com tristeza se verifica, raras vezes é seguido. 2-1.

Ponta Delgada Jobema (... e T. M.)

5) Tem graça, como é examinava a salвета. 1-2

Coimbra Maria Helena (C. C. C.)

(A «Rei-Fera», amador de novíssimas «tudo grifados»)

6) Andei de carro «no» lugar onde se reúne o gado no campo. 2-1.

Lisboa Reinadio

7) O presidente do tribunal acha justa a absolvição do soldado. 3-1.

Lisboa Sô Darco (T. E.)

20) ENIGMA PITORESCO



Lisboa

Micles de Tricles

8) Se tens gafeira e causas enfado, é porque não és pessoa engraçada. 2-2. Luanda Ti-Beado

(Ao Micles... a brincar)

9) V. quando tagarela produz mais bulha do que todos nós juntos. 3-1. Valério (S. C. L.)

SINCOPADAS EM PROSA

10) Eu gosto de qualquer peixe — tudo me satisfaz. 3-2.

Lisboa Bad-Ahmed (T. M.)

(Ao confrade «Rei-Fera», cumprimentando)

11) Neste simples trabalho vai o testemunho da minha admiração pela obra charadística que V. realiza. 3-2.

Lisboa Bismau (T. E. — S. C. L.)

12) O teu gesto de ameaça não me faz calar a boca. 3-2.

Lisboa Ferjobatos (T. E. L.)

13) Foi atingido por qualquer projectil? 3-2.

Lisboa Hary (T. M.)

(A uma pessoa...)

14) Lá porque usa monóculo, já nem com os amigos questiona. 3-2.

Lisboa Ôlho de Linco (T. E. — T. E. L.)

15) Consolar é nesta vida uma das coisas mais difíceis de planear. 3-2.

Lisboa Veiga (T. E. L.)

16) Uma mulher que não trabalha é coisa ruim. 3-2.

Nicantunes (T. M.)

NOVÍSSIMAS EM VERSO

(À memória de D. Manuel II)

17) O grito da revolta já soava
Contra a antiga e bem fera tirania, —
E da grande multidão que o soltava
Retumbava p'las ruas a alegria;

E o luso soberano parecia —
Não temer à ameaça que o cercava,
Porém, p'ra sempre mui breve fugia,
Para sempre deixando o lar que amava.

Fugiu p'ra longe, lá para Inglaterra,
Mas nunca se esqueceu da nossa terra,
E por nós acudiu, de quando em vez.

Dêste Portugal ele o nome honrou,
E com seus actos sómente provou,
Que fôra e era um grande português.

Lisboa Ôlho de Linco (T. E. — T. E. L.)

18) É noite. O vento fustiga —
O arvoredo, inclemente!
E dir-se-ia que o obriga —
A curvar-se reverente...

Mas se este, acaso, murmura
Contra os favores do senhor; —
O vento — o senhor — seapura:
Fá-lo dobrar com rancor!

V. S. Pôrto-Bié Efonso

(Ao director, como prova de consideração)

19) Quando, às vezes, por entretenimento,
— Em dias de soturna nostalgia —
Para bem longe elevo o pensamento,
Julgando-me a teu lado, noite e dia... —

Lembro, querido amor, êsse momento,
Em que, numa suave melodia,
Tão rica de ternura e sentimento,
Te dei o primo beijo. Nesse dia...

— Mas hoje, dêste amor o que me resta?
— Apenas a saúdade frequente —
Duma afeição, que o tempo jámais cresta...

A par do meu amor, sempre distante,
Eu tenho, oh recompensa horripilante,
Esta amarga saúdade bem presente!...

Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Conde de Aurora



Apareceu mais um livro do escritor Conde de Aurora tratando da infância, paixões e morte dum cacique eleitoral «O Pinto».

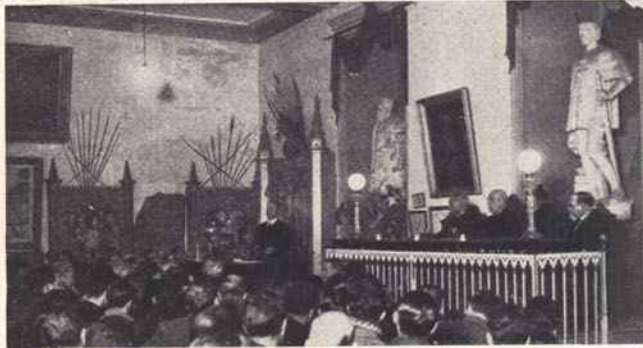
Dr. Ramada Curto



MAIS uma peça do ilustre dramaturgo dr. Ramada Curto. Intitulou-a «Sol poente» e constituiu um verdadeiro Êxito no Teatro Nacional. Foi um verdadeiro «caso do dia» durante muitos e muitos dias... «Sol poente» — belo título! — que veio demonstrar perfeitamente o contrário: o Teatro português teve neste original um verdadeiro sol nascente que promete doirar e fortalecer as messes enfezadinhas da nossa produção teatral tão falha de alentos e incentivos.

FIGURAS E FACTOS

Uma conferência do dr. Marques Guedes



O dr. Marques Guedes realizou há dias, na Sociedade de Geografia uma notável conferência sobre «Destinos da Grei, colonização e assistência» que constituiu um grande brado patriótico. Após a exposição dos três pontos capitais: «quantos fômos e quantos somos», «a caminho da saturação demográfica» e «a valorização da Terra e da grei» o dr. Marques Guedes patenteou, num grande exemplo, a sua fé calorosa nos destinos da Pátria Portuguesa.

Ao ouvi-lo e ao aplaudi-lo todos vibravam com a impressão de que ainda ha lusitanos amigos da sua terra, e capazes de sacrificarem tudo pelo seu engrandecimento. As velhas tradições mantêm-se cada vez mais firmes e perenes, provando que uma tão ditosa Pátria é imortal.

Os duques de Connaught em Lisboa



OS duques de Connaught, que tantas vezes têm visitado Lisboa, voltaram mais uma vez a matar saudades. No dia 9, passando no nosso porto, quizeram admirar a princesa do Tejo.

O duque Artur de Connaught é nosso velho amigo. Tendo sido governador geral da União Sul Africana manifestou sempre a sua grande simpatia pelos portugueses. Daqui os ilustres visitantes partiram com rumo ao Mediterraneo e á Palestina.

A despedida, o ilustre visitante voltou a enaltecer as belezas encantadoras d'êste Portugal delicioso, salientando que era sempre movido pelas saudades que voltava a vê-lo, sempre que isso lhe fôsse possível. Em boa verdade, o duque de Connaught é um grande amigo nosso.

Silva Tavares



SILVA TAVARES, o poeta querido do nosso povo que decorou os seus versos primorosos, também sabe escrever prosa. O seu último livro «A Vida amorosa de D. Pedro IV (Inês de Castro e a Marquesa de Santos)» é um trabalho magistral de investigação histórica que muito honra o intérprete genial da «Baylia de Amor» e de tantas obras deliciosas. E a prosa é tão musical e perfeita como os versos que todos conhecemos.

Prof. W. Oualid



O ilustre professor W. Oualid, da Universidade de Paris realizou no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras uma conferência sobre «La politique commerciale française depuis la Grande Guerre». O conferente foi apresentado pelo professor M Amzalak, tendo assistido os srs. ministro da Instrução, ministro da França e grande número de professores e escritores que aplaudiram a magnífica exposição de tão alta notabilidade internacional.

O ilustre professor promete realizar mais conferências que muito contribuirão para o ensino de muitos e delicia dos que nunca se cansam de aprender.

Uma excursão de judeus



A bordo do «Hohnstein» chegaram ao Tejo 116 excursionistas judeus quasi todos nascidos na Alemanha e residentes actualmente na Bélgica e na Holanda. A colónia hebraica, logo que teve conhecimento da chegada dos seus irmãos de raça, foi dar-lhes o abraço de confraternização. A nossa gravura representa um grupo de judeus ladeando o seu rabi dr. Carlebach. «Hohnstein» hoje assim chamado, tendo sido adquirido por uma empresa judaica, será baptisado em Genova com o nome de «Fel-Arív». A revolução hiltleriana afastou os judeus do território alemão que lhes fôra berço. Não esmoreceram, e continuam vivendo e lutando guiados pelas Tábuas do Simai, numa fé milenária e inquebrantável.

Abalroamentos de barcos



O mar, que constitui o encanto daqueles que sobre as suas ondas revoltas grangeiam o pão de cada dia, tem, por vezes traições inconcebíveis. Na noite de 2 do corrente, à entrada da barra do Tejo, abalroaram os barcos de pesca «Júpiter» e «Fluminense», afundando-se êste último. Morreu afogado um dos tripulantes. A nossa gravura apresenta o angustiado grupo dos naufragos recolhidos no frigorífico de Santos.

Mas amanhã todos êstes homens voltarão para o mar que lhes dá alegrias e amarguras e lhes concede o pão e a morte. Grande é o estoicismo da alma dos marítimos! Que a Senhora da Bonança os proteja

EMBORA de há muito mantivesse com o dr. Antero de Figueiredo as melhores relações literárias, devendo-lhe eu o favor dos seus conselhos e a amizade inequívoca e preciosa duma camaradagem, que sobretudo me honra, só há um mês me foi dado o prazer de o conhecer, pessoalmente, na sua linda e aconchegada residência da Foz do Douro.

O seu aspecto robusto e sadio começou por me surpreender. O evocador dos amores de D. Pedro e D. Inez, que deve rodar na casa dos sessenta, está longe de ser um velho. Dir-se-ia até que entrou na sua segunda, mais nobre e mais esplendente mocidade. Ao vê-lo, ao apertar-lhe as mãos num cumprimento leal, lembrei-me, instintivamente, de Ramalho Ortigão, que foi dos poucos dos nossos escritores que soube envelhecer com dignidade e com mocidade, se me permitem este termo definidor do seu vigor físico e da sua saúde mental.

Eça e Fialho desapareceram da vida com pouco mais de cinqüenta anos, envelhecidos ambos prematuramente, arrazado o primeiro por uma longa doença, desiludido o outro dos homens e da política. Aos sessenta, Gomes Leal nem como escritor de versos se podia tolerar. E Junqueiro, nessa idade, enrouquecida a voz tonitroante das sátiras heréticas da "Velhice do Padre Eterno", e esquiva ou já cançada a lira especiosa e rescendente de "Os simples", comprazia-se vaidosamente a construir frases sonoras, já hoje de perdido e ingénio sentido filosófico. Dessa geração magnífica — a cujas obras se atribuem, injustamente, alguns dos nossos males presentes, como se numa terra de analfabetos, e onde, entre os mais cultos, raro se denunciavam as inteligências críticas, os escritores exercessem larga e profunda influência na sociedade, dessa geração, dizia eu, só Ramalho é que soube envelhecer com apuro, com elegância e, repito, com *mocidade*. E tão moço ele era ainda aos 74 anos, que não deixou de confessar com justo orgulho que ia, como Victor Hugo já o tinha feito, recomeçar também, nessa altura da vida, a sua carreira de homem de letras. Admirável, não é?

Antero de Figueiredo, como Ramalho, tem o segredo da mocidade. No físico e no estilo. O livro recente — *Miradouro* — é um documento admirável da sua juventude mental e da sua sensibilidade creadora. Seu estilo ganhou até mais dactilidade e maior claridade, e o vocabulário, coisa curiosa, patenteia-se nos mais opulento, pôsto assim nesse estilo sóbrio e fluente, descomplicado e fácil.

Há, no entanto, quem desadore a prosa portuguesíssima de Antero de Figueiredo. António Sardinha, por exemplo, embora o considerasse e estimasse, encaminhava, no entanto, a sua preferência quasi toda para Raul Brandão. Eu não compreendia bem essa preferência, sendo António Sardinha, entre os maiores poetas do nosso tempo, o que possuía com mais profunda consciência o sentido português da paisagem, entendo eu aqui por paisagem a

COMENTARIOS AO LIVRO "MIRADOURO" de Antero de Figueiredo

gleba e o povo, em parentesco apertado, com alma comum, como se originários ambos fôsem da mesma substância plástica. Eu não compreendia, por isso, a preferência de António Sardinha. Raul Brandão, que possuía o dom da prosa, e era, e os volumes das "Memórias" atestam-no com originalidade e talento, um grande reporter, único talvez no seu género, dispunha de minguada imaginação. Criou dois ou três tipos, a tintas sombrias, e não fez mais do que repeti-los, dentro do mesmo cenário trágico, em todos os seus livros. O seu espírito anda povoado de fantasmas. A morte assusta-o e preocupa-o. E ao voltar de quasi todas as páginas tópa-se com o gebo e a sua sombra. De vez em quando páginas soberbas, profundas, geniais. Mas a repetição dos personagens e do cenário cança por fim e cai na monotonia. Os "Pescadores" são, felizmente, uma excepção luminosa. Mas lidas as primeiras cem páginas, adivinham-se as restantes. É que o autor do "Humus" pretende dar vida a personagens irreais, num tablado irreal. Talvez que se êle as sentisse mais sinceramente, as sofresse enfim, essas personagens tocadas de loucura e de pavor trágico seriam, mais do que humus, sôbre-humanas. E o erro literário de Brandão foi não ter querido vêr e sentir a vida como ela era, e procurar-lhe o seu verdadeiro sentido, doloroso embora, mas não isento de misticismo.

Antero de Figueiredo, como criador, é incomparavelmente mais imaginoso do que Raul Brandão e como prosador dispõe além dum vocabulário mais rico, de imagens mais claras, aliando o sabor clássico da língua à exuberância viva, mexida, polinómica do vocabulário moderno. A prosa de Raul Brandão é estranha, e alucina por vezes. A prosa de Antero de Figueiredo traz o perfume silvestre das terrinhas solheiras de Portugal. E o seu sentido de vida é mais cristão, e mais humano.

Como escritor, no seu aspecto global, compreendendo o artista e o criador de imagens e de símbolos, acho Antero de Figueiredo muito mais completo. Se não, vejamos. O escritor que viveu a sua vida, tem nos *Cómicos* uma página intensa, curiosa e verdadeira da psicologia da mulher de teatro; no *Doida de amor* — um empolgante romance, que parece, pela alucinação sensual, uma tradução actualizada e mais dramaticamente humana do *Amor de Perdição*. Ao romancista dos dramas psico-sexuais do nosso tempo, segue-se, na sua segunda fase, o evocador das grandes figuras históricas. *D. Pedro e D. Inês*, não constituirá, só por si, e no seu género, uma obra prima? E a intenção nacionalista,

que mesmo nos seus livros de viagens pelo estrangeiro, não deixa nunca de se manifestar liricamente, não dará um caracter peculiar e encantador aos seus livros? Finalmente, na sua fase religiosa, de sincera confissão católica, deu-nos já o escritor dois livros magníficos: — *Senhora do Amparo* e *O último olhar de Jesus*.

Na sua vasta obra, desde, principalmente as páginas de *Recordações e Viagens* até ao *Miradouro*, o seu último livro, publicado agora pelo Natal, nem o seu estilo se monotona e fixa em forma estática, nem a sua imaginação se afadiga e pára. Pode mesmo afirmar-se que nos casos e tipos do *Miradouro* o escritor nos parece mais jovem, numa prosa mais viva e colorida, e mais clássica até nas páginas em que intervem o léxico popular e pitoresco. Dos dez admiráveis capítulos na efabulação e na forma, alguns dêles vasados nos moldes da novela, detenho-me com prazer, demoradamente, lendo e relendo, nos que trazem os títulos *Apego à dor*, *Feira de ano* e *O Barboza de Sezins*, e se, nesta minha grata preferência eu não incluo ainda *O Morgado de Sabariz*, é porque este trecho, agora um pouco alterado, já fazia parte das *Jornadas em Portugal*, em que o prosador melhor confessa o lirismo. E' certo que em *O capote do sr. Mariquinhas* há intenção moral e seu humorismo delicado; que, mais adiante, *O Dr. Mendes Gira*, conhecedor dos homens e por isso mesmo adorador de cães, nos quais encontrava uma ternura mais humana e fiel, é um capítulo magnífico, dos melhores que o escritor tem produzido; que *A Paz do Lar* é uma novelazita, destinada, por certo, a ensinar a muitos homens a arte, afinal singela, de ser bom marido, que, ainda, as páginas de *Um sobretudo de respeito*, constituem uma sátira chocante e feliz; mas para mim, torno a dizer, os casos *Apego à dor*, *A Feira* e *O Barboza de Sezins* são dos melhores do livro. E porque? Põho de parte o estilo vernáculo, de simplicidade elegante e corrente, do mais nobre e belo que se tem escrito nestes últimos tempos, para sobrelevar a humanidade intensa do primeiro conto, em que a desgraça e a ternura se dão as mãos; o colorido luminoso de *A Feira do Ano*, em que a pena do mestre, parece, por vezes, sobrepujar o pincel de Malhoa e a paleta de Carlos Reis; e, finalmente, o retrato flagrante e pitoresco do português aventureiro, admirável mesmo em seus defeitos, grande em suas virtudes inatas, soberbo na audácia, fundamentalmente bom e generoso, ingénuo, umas vezes, outras senhor da velhacaria extrema, capaz de tudo, menos de matar, e que, representante humilde e inculto do génio de raça, guarda no fundo do coração, com fidelidade e ternura, a imagem afavel de certa moça, em cujos beijos, mais do que o prazer efémero dum momento se encontra o sentido eterno da vida.

Bastariam, para mim, estes três contos para impor o recente volume de Antero de Figueiredo.

Rebello de Bettencourt.

No mundo dos filmes

e das "estrelas,"

De tempos a tempos, volta a falar-se no filme de Charlot, que

sem reclamo prossegue no seu trabalho consciencioso, demorado e intermitente.

Já se sabe que a acção do que actualmente o ocupa se passa num asilo de doidos. O dr. Cecil Reynolds, um autêntico médico alienista, figura como director do asilo. Charlie Chaplin teve artes de o convencer a trocar temporariamente a sua profissão pela carreira artística.

O elenco compreende, além do dr. Reynolds e de Charlot, Paulette Goddard, Carter de Haven, Henry Bergman, Alan Garcia, Norman Aingley e Finy Sandford.

O título provisório desta película é «Produção n.º 5». Diz-se que depois dela terminada, Charlot empreenderá a realização de outra de carácter dramático, intitulada «Negócios Pesseais».

Grace Moore, notável actriz cantora, é americana. Seu marido, Valentin Parera, é espanhol. É o curioso é que falam, entre si em língua francesa.

Conta uma revista francesa que W. C. Fields, o conhecido cómico do cinema americano, tem há muito tempo uma ambição: cantar num dos seus filmes.

O desejo de manifestar os seus dotes vocais atormentava-o. E nessas condições resolveu fazer uma tentativa junto de Eduardo Sutherland que será o realizador do seu próximo filme.

Convidou por isso Sutherland para almoçar. E na altura da sobremesa arriscou as primeiras palavras sobre o assunto que o preocupava:

— Quando eu era novo, tinha uma voz esplendida. Todos o diziam. Claro que está hoje um pouco pior, devido ao uso de bebidas alcoólicas. Mas estou convencido de que se a cultivasse...

Sutherland não ligou grande atenção a estas insinuações. W. C. Fields insistiu, mas sem qual-

quer resultado. Vendo a partida a perder-se, resolveu jogar o último trunfo. Pôs de súbito a cantar com toda a força dos seus pulmões uma canção em voga. Cantar é aqui uma forma dizer que só imperfeitamente se pode aplicar às vibrações sonoras que lhe saíam da garganta e que faziam estremecer os vidros de todos os prédios da vizinhança.

Sutherland ficou atarado perante esta súbita avalanche de sons.

— Fields! — suplicava êle — Basta! Não cante mais. — E vendo que não era atendido.

— Pelo amor de Deus, Fields! Faça o que quiser com a condição de se calar.

— Pois bem — retorquiu W. C. Fields, triunfante — As minhas condições são simples. Quero cantar no meu próximo filme...

Sutherland viu que não podia resistir. Aceceu. E o leitor poderá ouvir o notável comediante se o seu novo filme «Mississippi» for exibido em Portugal.

O contrato que liga Kate de Nagy à empresa alemã «Ufa» termina no mês corrente. Ora corre o boato, que ainda não foi confirmado, de que a célebre artista se recusa a renovar esse contrato ou a subscrever qualquer outro. Atribue-se-lhe a intenção de abandonar definitivamente a carreira cinematográfica.

O facto, a ser verdadeiro, vai surpreender e penalizar os numerosos admiradores de Kate. Mas há quem pretenda que certas atitudes suas nos últimos tempos deixaram prever essa decisão. A formosa actriz apresentava-se triste, como dominada por um secreto desgosto, que os mais argutos nunca souberam penetrar.

Parece que a fatalidade se obstina contra os precursores do cinema colorido.

Um produtor norte-americano tomou a iniciativa de lançar um grande filme em cores naturais, segundo os processos mais modernos e aperfeiçoados. O título escolhido e já anunciado é «Becky Sharp». Lowell Sherman foi encarregado de dirigir a reali-

Mary Carlisle com «Sammy», dedicado companheiro de todas as horas (Foto Metro)



Baby Leroy, o bebê de Chevalier, perplexo ante o enigma do espelho (Foto Paramount)

zação. Decorrido pouco tempo, Lowell Sherman falecia subitamente. Rouben Mamoulian foi chamado para o substituir.

A seguir Miriam Hopkins, que fora incumbida do principal papel feminino, adoeceu gravemente com uma pneumonia dupla.

Está já em convalescença mas não poderá voltar ao estúdio tão depressa.

E para cúmulo do azar, agora é Roulen Mamoulian que, atacado de gripe, está há alguns dias retido no leito.

Mas o produtor não desanima e espera dar em breve esse passo que reputa decisivo para o futuro dos filmes em cores naturais.

Os actores Larquey e Paul Amiot ensaiavam há algumas semanas uma cena de «Gangster malgrê lui». Nessa cena, os dois artistas planeavam um crime numa taberna miserável, ao mesmo tempo que bebiam goles de vinho.

E para que o ambiente tivesse todo o realismo, o vinho referido era do autêntico carraçcão.

Duas, três, seis vezes, teve de se recomeçar e os dois actores, pouco habituados a estas lições, contorciam-se agoniados.

— Isto em jejum é terrível — dizia um deles para o realizador André Hugon — Se ao menos nos desse vinho branco...

— Não pode ser — atalhou Hugon — O vinho branco não é fotogénico.

«O pão nosso de cada dia», de King Vidor, filme em que o problema do desemprego é focado, está sendo exibido agora na Califórnia. O conhecido publicista e político Upton Sinclair faz no começo de cada sessão uma conferência em que expõe os seus pontos de vista sobre esse grave problema social.



Bridge

(Problema)

Espadas — R., V., 2.
Copas — A., R.
Ouros — D., 4, 3.
Paus — — — — —.

Espadas — D., 10, 8. **N** Espadas — 7, 6.
Copas — — — — —. **O E** Copas — 7, 5, 2.
Ouros — V., 10, 7. **S** Ouros — 8.
Paus — 8, 2. Paus — 6, 4.

Espadas — 4, 3.
Copas — 10, 9.
Ouros — 5, 2.
Paus — D., 9.

Sem trunfo. S joga e faz todas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga a carta pequena de copas, O e N deitam cada um também, uma carta pequena de copas e E cobre com o dez e faz, a seguir o seu Rei de copas E joga o Valete de paus, dando a mão a O que faz o Az de copas sobre o qual N se balda aos ouros. O joga então o nove de ouros, S deixa passar e faz assim o seu Valete e o seu sete de ouros.

E' preciso notar que E não pôde fazer o seu oito de espadas e livrar as espadas de N enquanto este último tiver a Dama de ouros.

Há a notar, também, que se E fizer todas as suas vasas, jagando o Az de paus, depois o Valete de paus e o oito de espadas, o jogo se torna muito fácil para N.

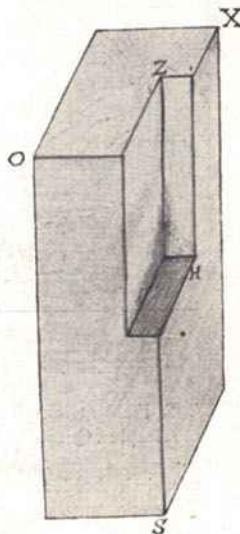
Em dezembro de 1932, um acaso permitiu que se descobrissem num arquivo particular, em Paris, cinco cartas de amor, escritas por Napoleão quando contava apenas dezaseis anos.

De facto, essas cartas são datadas de 1785 e foram escritas quando o joven Bonaparte se encontrava na pequena cidade de Valence, onde se apaixonou por uma provençal, cujo nome só aparece em uma das cartas, no seguinte trecho:

«Responda-me Ema, eu lhe suplico. Diga-me se o seu coração corresponde ao meu e se não lhe sou indiferente».

FIM DE FESTA

Notável ilusão óptica



No desenho junto forma-se, se repararmos bem, mais de uma ilusão óptica.

O pedaço de madeira ZH, cortado de um canto do bloco maior parece, por vezes, estender-se para fóra da face OS deste último.

Invertendo a figura, o mesmo pedaço ZH ora dá a impressão de que está assente sobre a superfície XO, ora retoma a posição que, de princípio lhe pertencia, isto é, a de indicar um canto cortado do bloco grande.

Xadrez

(Solução)

1. T — 7 D, ad lib.;
2. Mate com D, + T, + B + ou C +

Da direita para a esquerda e vice-versa

(Paciência)

7	24	10	19	3
12	20	8	22	23
2	15	25	18	13
11	21	5	9	16
17	4	14	1	6

E' mais simples do que parece, esta paciência. Arranjem vinte e cinco tentos, numerados segundo a ordem que o diagrama indica. O que se quer, agora, é colocá-los na própria disposição numérica, isto é, 1, 2, 3, 4 e 5 na fileira superior, da esquerda para a direita, 6 a 10 na fileira horizontal imediata, e assim consecutivamente. Ora isto tem de executar-se, pegando num tento em cada mão, e trocando respectivamente as posições primitivas dêles, o da mão direita para a esquerda, e vice-versa. Segue-se o processo, até estarem todos os tentos nos lugares devidos.

Qual será o menor número de trocas necessárias para obter a exacta solução?

Como o 8 já está no seu lugar e como se pôde colocar corretamente um tento a cada troca, o natural é concluir-se de repente, que são precisas vinte e quatro trocas apenas.

Assim não é, porém, como terão ocasião de verificar.

Psicologia

No decurso de uma reunião da Associação psicológica americana em Nova York, um psicólogo erudito, o doutor Joseph Jastrow analisou e disse-cou cientificamente a pessoa intelectual e moral de Hitler.

O sábio professor terminou o seu estudo, concluindo que o Führer do Reich é «um nervoso» de alta tensão, terrivelmente assustado, dando um valor exagerado a si próprio; um fanático, do tipo discípulo e não dirigente, que sofre de ilusões. A parte isto é normal.

— Mais nada? perguntou um ouvinte.

— Mais nada— respondeu o doutor Jastrow; eis tudo quanto se pôde dizer do actual dono da Alemanha.

Anedotas

— Então, despediu a criada do seu pequenito?
— Não tive outro remédio. Era uma estouvada. Imagine a minha amiga que no domingo passado, disse-lhe que fôsse passear a criança e esteve duas horas fóra de casa!...

— Mas não vejo...

— Pois sim; mas esqueceu-se da criança em casa!

— :: —

Entre duas meninas que estão falando confidencialmente:

— E teu pai o que faz?

— Tudo quanto a minha mãe quer.

A ironia britânica



ELA (à direita): — Que me diz ao próximo casamento daqueles dois? A Lena canta divinamente, toca violino, pinta na perfeição, é campeã de tennis e, ainda por cima, poetisa.
ELE: — O que eu digo é que se o pobre do Jorge, em compensação, souber cosinhar alguma coisa, devem vir a ser felizes e viver bem.

(De «London Opinion»)

Acaba de sair

A 5.^a EDIÇÃO DE

CRÓNICAS IMORAIS

POR

Albino Forjaz de Sampaio

1 vol. de 266 págs., brochado **10\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

SUCESSO DE LIVRARIA

O homem dos mil segredos

ROMANCE

DE

ROCHA JUNIOR

1 vol. de 232 págs., com capa a
côres de *Stuart*, broch. **10\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO
DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

**VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO
DA LINGUA PORTUGUESA**

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 - pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

O JÔGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Obras de BLASCO IBAÑEZ

- A adega**, tradução de E. Sousa Costa - 1 vol. de 342 págs., brochado 10\$00
- Aatedral**, tradução de Vasco Valdez - 1 vol. de 338 págs., brochado 10\$00
- Cortesã de Sagunto**, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa - 1 vol. de 332 págs., brochado 10\$00
- Por entre laranjeiras**, romance, tradução de Morais Rosa - 1 vol. de 290 págs., brochado 10\$00
- Flor de Maio**, romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mário Salgueiro - 1 vol. de 206 págs., brochado 10\$00
- Jesuítas**, sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa - 1 vol. de 340 págs., brochado 10\$00
- Os mortos mandam**, novela, tradução de Napoleão Toscano - 1 vol. de 324 págs., brochado 10\$00
- Oriente**, tradução de Ferreira Martins - 1 vol. de 256 págs., brochado 10\$00
- No país da Arte**, tradução de Ferreira Martins - 1 vol. de 274 págs., brochado 10\$00
- Terras malditas**, tradução de Napoleão Toscano - 1 vol. de 234 págs., brochado 10\$00
- Touros de morte**, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa - 1 vol. de 384 págs., brochado 10\$00

Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes - Vogue - Femina - Les Enfants - Lingerie - Les Ouvrages - Les Tricots - Modes et Travaux - Mode Future - Weldon's Ladies Journal - The Lady Fashion Book - Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio á cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidissimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoitel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Deposítária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a cores, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28x19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs., cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Julio Berrilli</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de Júlio Verne. 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ...	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guimar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de Jorge Roux. 8 das quais aguçeladas e 14 impressas a duas cores; formato 28x19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de Ribeiro de Carvalho, 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a cores, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 5 grossos vols. de 600 págs. cada e 154 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de Guimar Torrezão, 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de Eduardo Noronha, 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cêrca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para 1935

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	8\$00
br. — (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$50
ÊLES' E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIÁ (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de 1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



O MUNDO na MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

A insónia Rouba o encanto e a beleza



A OVOMALTINE

assegura-lhe um sono natural

O maior inimigo da beleza é a insónia. O seu espelho cêdo reflete o resultado do cansaço de noites perturbadas; os olhos perdem o brilho, o rosto enche-se de rugas e perde a frescura da saúde.

Lembre-se de que um sono saudável é essencial para manter o seu perfeito equilíbrio físico, do qual depende o seu bom parecer, o seu encanto e vivacidade. E o meio mais seguro para produzir um sono natural e reparador é tomar a deliciosa Ovomaltine todas as noites.

Longas experiências tem provado, e uma enorme quantidade de testemunhos espontâneos confirmam, que a Ovomaltine é a melhor bebida alimentar para assegurar um sono tranquilo. Fornece em abundância os elementos restauradores para acalmar os nervos e o cérebro e rapidamente produz um sono profundo e restaurador, do qual se acorda no dia seguinte cheio de energia e vitalidade, sentindo-se mais bem disposta e de melhor parecer.

Há só uma Ovomaltine, nada há que a substi-

tua. Tem-se tentado, muitas vezes, imitá-la, mas há sempre diferenças importantíssimas:

A Ovomaltine não contém açúcar comum para diminuir o preço em prejuízo da qualidade. Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contém chocolate nem uma grande percentagem de cacau.

Cientificamente preparada dos melhores alimentos que a natureza nos oferece: leite, malte e ovos, a Ovomaltine contém todos os elementos necessários para o desenvolvimento do corpo, do cérebro e dos nervos.

Por todas estas razões a Ovomaltine marca, por si só, um lugar — é a melhor bebida alimentar e a mais largamente consumida em todo o mundo.

Qualidade acima de tudo! Exija

OVOMALTINE

À venda em todas as farmácias, drogas e mercearias em latas de Ecs 9550, 18500 e 34500

DR. A. WANDER, S. A. BERNE

Unicos concessionarios para Portugal:

ALVES & C. (Irmãos) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.º - LISBOA